

ALEJANDRO BULLÓN

Sinais de Esperança



Uma leitura
surpreendente dos
acontecimentos atuais

Sinais de Esperança₅

Uma leitura
surpreendente dos
acontecimentos atuais

Alejandro Bullón

Tradução
Dóris Matos dos Santos

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Título do original em espanhol:
SEÑALES DE LA VENIDA DE CRISTO

Copyright © da edição internacional: General Conference of Seventh-day Adventists,
Silver Spring, EUA. Direitos internacionais reservados.

*Direitos de tradução e publicação em
em língua portuguesa reservados à*
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8888 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição
15ª impressão: 50 mil exemplares
Tiragem acumulada: 3,92 milhões
2009

Editoração: Neila Oliveira e Marcos De Benedicto
Projeto Gráfico e Capa: Levi Gruber
Foto da Capa: S. Morley/SXC

IMPRESSO NO BRASIL / Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bullón, Alejandro
Sinais de esperança : uma leitura surpreendente
dos acontecimentos atuais / Alejandro Bullón ;
tradução Dóris Matos dos Santos. – Tatuí, SP :
Casa Publicadora Brasileira, 2008.

Título original: Señales de la venida de
Cristo
Bibliografia

1. Escatologia 2. Esperança 3. Fim do mundo
4. Jesus Cristo – Profecias 5. Profecias 6. Segundo
Advento 7. Vida Cristã I. Título.

08-09197

CDD-236.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Segunda vinda de Jesus : Profecias :
Escatologia : Cristianismo 236.9



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

Sumário

Introdução	7
1. Uma pergunta fundamental	11
2. Tempos de guerra	16
3. Mensagem falsificada	24
4. Um mundo sem Deus	34
5. A revolta da natureza	48
6. Uma sociedade sem coração	57
7. Uma geração erotizada	65
8. Crise económica	73
9. Sinal do fim	81
10. Uma estranha perseguição	88
11. Esperança no horizonte	98
Notas	106

Introdução

“Ainda lhes propôs uma parábola, dizendo: Vede a figueira e todas as árvores. Quando começam a brotar, vendo-o, sabeis, por vós mesmos, que o verão está próximo. Assim também, quando virdes acontecerem estas coisas, sabeis que está próximo o reino de Deus” (Lucas 21:29-31).

Moreno, 70 anos, cabelos e barba grisalhos, rosto simpático, tranquilo, e andar pausado. O homem parece um avô carinhoso que leva um presente a seus netos. Pelo menos, isso é o que qualquer um pensaria ao vê-lo caminhar pelas ruas da cidade, vestindo um sóbrio terno escuro e carregando uma pasta preta de couro na mão direita.

A verdade é diferente. O senhor não leva presente algum. Esconde uma bomba em forma de notícia em sua maleta. Uma notícia que revolucionará a opinião pública mundial e provocará as reações mais controvertidas.

Ao circular pelo mundo, o fato fará muita gente pensar que esse senhor está louco. Outras pessoas pensarão que o homem da maleta preta só está querendo se promover. Afinal, os homens públicos precisam estar sempre em evidência. É da evidência na mídia que vem sua popularidade; é através das notícias que um político se torna conhecido. E Ernie

Chambers, senador independente pelo estado norte-americano de Nebraska, é um velho, polêmico e irreverente político.

Às 10h30 da manhã do dia 14 de setembro de 2007, o senador Chambers entra na Corte do Condado de Douglas, olha para todos os lados, como um garoto pobre que deseja chamar a atenção, e faz a notícia explodir. Abre um processo judicial contra Deus, exigindo que Ele deixe de provocar tanto terror no mundo.

No processo, o advogado afro-americano, que nunca havia exercido a profissão, acusa Deus de ser o causador de todas as “inundações devastadoras, os horríveis terremotos, os terríveis furacões, inúmeras pragas, doenças, ações terroristas, fome, guerras genocidas” e outras tantas catástrofes mundiais que aterrorizam a humanidade.¹

Por mais inverossímil que possa parecer, o processo judicial que Chambers iniciou contra Deus mostra dois aspectos. Primeiro, a irreverência do homem moderno, tipicamente incrédulo, contra Deus. Em segundo lugar, a preocupação do ser humano pela assustadora realidade de nossos dias. Por algo estranho que está acontecendo neste planeta, e só não vê quem não quer ver.

Não é normal a avalanche cada vez mais freqüente de catástrofes naturais. Em frações de segundos, cidades inteiras são apagadas do mapa. Milhares de vidas desaparecem. Segundo informações do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), órgão da Organização das Nações Unidas (ONU), se o aquecimento global continuar se agravando como vem acontecendo, um quarto de todas as espécies de plantas e de animais da Terra poderá ser extinto até 2050.

Esse mesmo órgão assegura que, se todo o gelo da Antártica derretesse, o nível do mar aumentaria aproximadamente 61 metros.² Aterrador, se levarmos em conta que um aumento de apenas 6 metros faria submergir Londres, Nova York e todas as capitais próximas ao mar.

O ser humano não pode deixar de se inquietar diante de informações como essas. A ação judicial do senador pode parecer ridícula por causa de seu destinatário, mas é coerente em sua preocupação.

As previsões de fenômenos atmosféricos que ameaçam a segurança do planeta são cada vez mais assustadoras e pessimistas. Parece que algo saiu de seu eixo. Não é alarmismo. Algo que está fora do controle humano se aproxima. De outro modo, como explicar tantas catástrofes naturais, tanta dor e tanto desespero? Enfim, o que pensar diante de dezenas de inundações, terremotos, furacões, incêndios, vulcões considerados extintos que entram em erupção depois de anos? Misturando sangue e lágrimas, o ser humano vê pintado diante de si um quadro de terror, desolação e morte.

Por outro lado, também não é normal a confusão existencial que o ser humano tem vivenciado. Ele anda perdido e comete desatinos. Como explicar que pessoas destruam vidas e sonhos com tanta impiedade? Por que o ser humano, a mais inteligente das criaturas, é capaz de realizar barbáries como arrastar um menino de apenas cinco anos amarrado a um carro até matá-lo, ou seqüestrar criaturas inocentes para humilhá-las sexualmente e vender suas fotos ao mundo perverso da pornografia? O que o homem de nossos dias esconde no misterioso emaranhado de sua mente? Por que algumas vezes ele é fraterno e solidário, e outras vezes é tão selvagem e cruel?

Quando um jovem universitário, na flor da vida, dispara indiscriminadamente contra seus companheiros, matando pessoas e sonhos, e, em seguida, põe um ponto final em sua própria vida, é hora de repensar o tempo em que vivemos. Algo anda mal no âmago do coração humano. Parece que o trem da vida saiu dos trilhos e está perigosamente desgovernado, a uma enorme velocidade. Tudo isso é inegável e dolorosamente absurdo. Mas é real.

O que leva os jovens a fazer circular bilhões de dólares graças ao consumo de drogas e a alimentar com esse dinheiro centenas de outros negócios do submundo do crime? O que tanto buscam e não encontram? Por que se autodestroem?

Este livro procura explicar o que existe por trás dessa cortina. Todas as incoerentes ações do ser humano têm explicação. Não são perceptíveis

à primeira vista, mas têm uma razão de ser. O descontrole de uma natureza enlouquecida, as ações perversas do próprio ser humano, as guerras desorganizadas e sem sentido, a fome e tantas loucuras são apenas o aparente, o que está à superfície do cenário dos acontecimentos. Mas, atrás da cortina dos fatos, algo se aproxima. Inexorável, silencioso, com passos firmes. O simples espectador o desconhece; entretanto, um livro o registrou há muitos séculos.

Jesus disse: “Aprendeis, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão. Assim também vós: quando virdes todas estas coisas, sabeis que está próximo, às portas” (Mateus 24:32, 33).

O que “está próximo”? A que se referia Jesus quando pronunciou essas palavras? A resposta a essas perguntas pode mudar o rumo da história. De sua história. De suas lutas, seus dramas e tragédias. Da história e do destino das pessoas que você mais ama. A história, enfim, de um conflito milenar, estranho e transcendental. Leia este livro e você verá.

Uma pergunta fundamental

“No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dEle os discípulos, em particular, e Lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da Tua vinda e da consumação do século”
(Mateus 24:3).

Aproxima-se o supremo momento. A hora crucial em que o amor e a dor se abraçarão. O instante do maior sacrifício, da infinita entrega. O Rei dos reis e Senhor dos senhores, Criador do universo e dono absoluto dos céus e da Terra, descerá aos níveis mais profundos da humilhação. Será crucificado como um pária em uma cruz reservada para os piores delinqüentes. Pagará, assim, o preço da redenção humana. E o pagará com Seu sangue. Resgatará o homem do poder da morte, trazendo-o à dimensão da vida.

A contagem regressiva da misericórdia já começou. Uma densa nuvem de tristeza e dor se move entre eles como presságio de morte. Eles não o percebem. Talvez os discípulos sejam demasiado humanos para entender as coisas do espírito. O Mestre, sim, tem consciência da solenidade do momento. Em poucas horas, a angústia e a solidão se apoderarão deles e Ele não quer que sofram. Ama-os com um amor incompreensível e infinito. Ama-os até a morte.

O relato bíblico diz: “Tendo Jesus saído do templo, ia Se retirando, quando se aproximaram dEle os Seus discípulos para Lhe mostrar as construções do templo” (Mateus 24:1). Marcos relata que um dos discípulos Lhe disse: “Mestre! Que pedras, que construções” (Marcos 13:1). Você percebe? A dor está próxima, a hora “h” se aproxima, o destino eterno da humanidade será decidido em poucas horas, e os discípulos estão preocupados apenas com o material: o templo.¹

O brilho das coisas que podem ser tocadas fascina o ser humano. E, sem dúvida, o templo, com seus enormes pilares de mármore, o ouro dos detalhes interiores e de suas colunas gigantescas, é esplêndido, impressionante. Agradável de ser visto, admirado e tocado.

Vinte e um séculos se passaram e continuamos fascinados pelo que nossos cinco sentidos podem captar. Temos dificuldade para entender a dimensão espiritual da vida. Aproxima-se o momento de glória da Terra, mas somos incapazes de perceber a importância do tempo em que vivemos. A proximidade do evento glorioso dos séculos parece se perder na penumbra da nossa humanidade. Não a vemos. Toda nossa atenção se concentra nas coisas que podemos contemplar com os olhos físicos: guerras, violência, terremotos, furacões, o aquecimento global, os dramas sociais, as injustiças. Nada mais. Ignoramos a essência do que acontece. Buscamos soluções passageiras e humanas para as trevas que se apoderam do planeta. Ignoramos que, em poucas horas, despontará o sol de um dia eterno.

Naquela ocasião, a resposta de Jesus aos Seus discípulos os deixou perplexos: “Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada” (Mateus 24:2). O Mestre fala de destruição. Para construir os valores do espírito é necessária a destruição dos valores da carne. O início do reinado da vida requer o fim do império da morte.

Os discípulos sentem o impacto das palavras de seu Mestre, e começam a refletir. Se esse fabuloso templo chegar um dia a ser derrubado, isso unicamente seria possível com a segunda vinda de Cristo e a consequente destruição do mundo. Esse pensamento lhes é doloroso. Dói a eles com uma dor que não sabem explicar. Dói na alma, no coração, no mundo

interior das emoções, onde estão as feridas que não se vêem. Todas as suas esperanças estão relacionadas com a glória e o esplendor desse templo. Sonham se ver livres do jugo romano. Aguardaram o Messias por muitas gerações. Como agora Jesus lhes diz que esse templo vai ser destruído?

O caminho de Jerusalém ao Monte das Oliveiras é um caminho com sabor de fracasso. Eles deixaram tudo para seguir a Jesus. Aceitaram-no como o Senhor da vida. Mas Jesus lhes fala de morte, de destruição. Por mais que se esforcem, não conseguem entender.

Naquela tarde lúgubre descem ao Vale de Cedrom como se descessem ao coração da Terra. É uma procissão silenciosa e triste. Os discípulos estão perturbados pelo que o Senhor lhes dissera, mas não se animam a Lhe perguntar nada no caminho.

Dos ribeiros de Cedrom sobem até o Monte das Oliveiras. Continuam tristes, preocupados. Ao chegar ao monte, algum tempo depois, voltam ao tema da destruição do templo. Abrem o coração a Jesus e mostram sua curiosidade: “Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da Tua vinda e da consumação do século” (Mateus 24:3).

Então, o Senhor Jesus lhes desenha um quadro da situação mundial que precederá Seu retorno à Terra. Fala-lhes de guerras, rumores de guerras, terremotos, falsos cristos, perseguição, escassez de alimentos e fome, e todo tipo de calamidades.

As palavras de Jesus são para eles. Os discípulos serão testemunhas da fúria romana que destruirá o templo. Parte dos sinais de Mateus 24 se refere ao que aconteceria antes da destruição do templo. Outros, entretanto, anunciam o que acontecerá antes do fim do mundo.

Hoje, a humanidade precisa urgentemente conhecer a mensagem nas entrelinhas dos acontecimentos aterradores de nossos dias. Nada acontece por acaso. Tudo foi escrito e anunciado nas Santas Escrituras. Os sinais da volta de Cristo, presentes na Bíblia, são uma descrição fiel do que acontece em nossos dias. Um retrato do mundo atual e de suas constantes lutas contra os desvarios da própria humanidade e contra a fúria enlouquecida de uma natureza que não agüenta mais as agressões

do ser humano e se rebela, como um potro selvagem, quando tentam lhe roubar seus horizontes infinitos para fazê-la viver aprisionada.

O que escrevo, a seguir, é uma constatação das coisas que estão acontecendo. Ocorrerão ainda mais à medida que o tempo acabar e nos aproximarmos do fim. É uma mensagem de urgência. A urgência nasce do perigo. Mas é também uma mensagem de esperança. Esperança de um novo dia e de um mundo novo.

Ao observarmos o que acontece ao nosso redor, percebemos que já é noite em nosso planeta. Noite alta. Noite escura. As trevas que nos rodeiam assustam, mas são a evidência de que o Rei já vem. Não há o que temer. Depois da noite sempre vem o dia. Quanto mais densa a escuridão, mais próximo está o novo dia.

Sei, por experiência própria, quão valiosa é a esperança. Precisei dela uma noite, perdido na selva. Agarrei-me a ela como a uma tábua de salvação em um mar revolto. Havia andado o dia inteiro e já estava sem forças. O índio que me acompanhava aconselhou que dormíssemos às margens de um rio.

– Amanhã será outro dia – disse – e o senhor estará em melhores condições. Não vale a pena continuar andando na escuridão.

Paramos. E mergulhamos na noite, com seus ruídos estranhos. Sentia a escuridão nos meus olhos, no ar que respirava, roçando minha pele, como que procurando me intimidar. Há noites tão densas na vida, tão escuras e tão tristes... Noites da alma. Noites da selva. Noites que dão a impressão de ser eternas. Aquela era uma dessas noites.

Quase não dormi. A escuridão me incomodava. Seus ruídos me perturbavam. Sua intensidade me assustava. Não dormi. Observei a noite, soberana, amedrontadora, dona e senhora da situação. Deveriam ser quatro ou cinco da manhã quando perguntei ao guia:

– A noite está ficando ainda mais escura ou é simples impressão minha?

– Não é impressão sua. A noite realmente ficou mais escura, mas não se preocupe. Isso significa que, de um momento para o outro, vai sair o sol.

Dez minutos depois, o sol nasceu. Pude ver seus raios dourados sorrir

para mim à distância. Pude desfrutar outra vez sua luz, seu esplendor, sua vida. Estava salvo. Um novo dia havia chegado.

A noite deste mundo está cada vez mais densa. Há dor, tristeza e morte ao nosso redor. Há injustiça, miséria e fome à nossa volta. Às vezes, dá a impressão de que tudo está perdido. Não é verdade. A noite deste mundo logo vai cessar. O sol de um novo dia já desponta no horizonte. O Senhor Jesus vem nos buscar.

– Venha a Mim – Ele nos diz com Sua voz mansa. – Confie em Mim para atravessar as horas de escuridão que ainda restam.

O que você vai fazer? Aceitará Seu convite?

A resposta é só sua.

Tempos de guerra

“Quando, porém, ouvirdes falar de guerras e rumores de guerras, não vos assusteis; é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino. [...] Estas coisas são o princípio das dores” (Marcos 13:7, 8).

O garoto olha com terror o homem com capuz preto. Está cheio de pavor com a arma apontada para sua cabeça. Treme. Não tem coragem de olhar para a garrafa com o líquido amarelo que ele segura na mão esquerda. Chora desesperado. Um garoto de apenas seis anos só pode chorar diante de uma situação tão brutal como aquela que está experimentando.

– Beba essa coisa ou morre!

A voz do homem grandalhão, sem rosto, soa ameaçadora. Ivan não tem outro remédio. Bebe sua própria urina.

Como encontrar palavras para descrever esse quadro? O que fazer quando o que se passa diante dos seus olhos é impossível de ser descrito pelo excesso de crueldade? A palavra exata para definir essa cena seria infâmia, vergonha. Talvez extrema humilhação, desonra. Ou miséria. As palavras e os adjetivos são precários para expressar o que aconteceu, naquele dia, no recôndito da alma humana. As palavras faltam, ou sobram,

não sei. Melhor é fingir que nada foi real. Escondê-lo das palavras. Talvez tenhamos menos vergonha de dizer que somos humanos e aceitemos a idéia de que nos tornamos animais.

Tudo acontece em uma quarta-feira, 1º de setembro. O enorme relógio da parede da escola primária marca 9h40. É uma manhã típica de fim de verão. Há sol e alegria lá fora. Dentro da escola, alunos, professores e pais de família se preparam para dar início ao programa de comemoração denominado “Jornada do Saber”.

Subitamente, disparos e vozes de comando são ouvidos. Palavrões, ameaças, socos e pontapés são distribuídos a torto e a direito. Em fração de segundos, 32 homens e mulheres armados até os dentes, com os rostos encapuzados e com os olhos injetados, destilando ódio, dominam a escola. Poucos minutos depois, têm em seu poder 1.300 reféns.¹

Os invasores colocam os reféns no pátio da escola e distribuem uma enorme quantidade de explosivos à sua volta, para se proteger em caso de serem atacados de surpresa. As milícias especiais de segurança do exército cercam a escola. Ficam em prontidão para entrar ao menor descuido dos terroristas.

Assim começam três dias de horror. Os reféns jamais esquecerão esse episódio e o mundo inteiro o lembrará como de uma ferida aberta que demora a cicatrizar, por muito tempo. É uma guerra. Jesus já havia dito: “Ouvireis falar de guerras e rumores de guerras” (Mateus 24:6). Esse seria um dos sinais que anunciariam Seu retorno à Terra.

A princípio, os invasores não fazem nenhuma exigência. Simplesmente se recusam a deixar os alunos comer e beber. Ameaçam matar 20 deles cada vez que um membro seja ferido pelas forças de segurança. Há amargura e rancor nas palavras do chefe do comando invasor. Anuncia aos jornalistas que não dará nem água nem comida às crianças. Alguns alunos contariam, depois, que os terroristas os obrigaram a beber sua própria urina.

Sexta-feira, 3 de setembro. Está quente. Faz um calor infernal. As crianças estão sufocadas dentro do pátio. Ninguém sequer imagina a tragédia que está por vir. Faltam apenas 93 dias para que outra tragédia de

dimensões catastróficas abale o mundo: o tsunami assassino que apagara do mapa cidades inteiras e levaria consigo mais de 200 mil vidas.

Na cidade onde o seqüestro acontece há uma expectativa generalizada. Os olhos do mundo se dirigem para ver o desenlace final do ataque àquelas crianças indefesas.

De repente, ouve-se a explosão de uma bomba, seguida de gritos de angústia por toda parte. As forças especiais aproveitam o pânico e entram para tomar o controle da situação. Há cheiro de pólvora, sangue e morte. O ar que se respira é de terror, desespero e medo. O seqüestro termina. Resultado final: 376 mortos e 700 feridos.

O que descrevo aqui é só um grão de areia. O clima mundial de conflito é muito mais intenso. O sangue de muita gente inocente é derramado por todo lado. Cenas de horror, muito mais terríveis que as produzidas por efeitos especiais de filmes, são protagonizadas em diferentes países, às vezes por motivos banais. O mundo vive a cultura da guerra e não se trata apenas da luta armada de um país contra o outro.

As pessoas também guerreiam e se matam quase sem motivo. No momento em que escrevo estas linhas, os noticiários narram a agressão de três homens a uma mulher grávida. Segundo os agressores, eles estavam com pressa e ela não deu passagem. O tempo que perderam agredindo a indefesa mulher foi muito maior que os segundos que teriam esperado.

Atitudes como essa podem ser vistas todos os dias em todos os lugares. Atualmente, os homens já se habituaram a viver em um clima de guerra. Uma das maiores guerras da atualidade já dizimou milhares de vidas. Gente inocente, que não tinha nada a ver com os interesses políticos dos envolvidos. A princípio, todo o mundo acompanhava atentamente o desenrolar dessa guerra. Hoje, apesar das perdas diárias de dezenas de vidas, as pessoas já perderam o interesse. Passou a ser um assunto rotineiro.

Naquelas terras ou em qualquer outro lado do mundo, ninguém sabe quem carrega uma bomba. O inimigo está em toda parte. Não tem rosto.

Basta ser a outra pessoa. As autoridades andam com medo. As pessoas comuns também.

Certa vez, numa viagem de avião, o passageiro sentado ao meu lado me disse:

– Por acaso, não houve guerras desde que o homem apareceu na face da Terra? Caim não matou seu irmão Abel sem motivo? Os países não viveram sempre em guerra? Como isso pode ser um sinal da vinda de Cristo?

É verdade. Depois da entrada do pecado, o homem sempre viveu em clima de guerra. Era o resultado de sua própria guerra interior, de seus encontros e desencontros, de seu afastamento de Deus. Entretanto, nunca na história se viveu em tamanha tensão e sob tanta violência como se vive hoje. É a proliferação da guerra, por assim dizer.

Há várias décadas o mundo padeceu duas guerras de dimensões gigantescas. Foram chamadas de Guerras Mundiais. Até então, nada semelhante havia acontecido na história da humanidade. Ambas foram devastadoras. A primeira matou 10 milhões de pessoas e a segunda acabou com a vida de 55 milhões de seres humanos. Naquela ocasião, em uma transmissão radiofônica de Hiroshima em 1945, depois de ter sido lançada a primeira bomba atômica, William Ripley afirmou: “Estou parado no lugar onde começou o fim do mundo.” No entanto, essas guerras não eram o sinal do fim, como Jesus havia dito: “E, certamente, ouvireis falar de guerras e rumores de guerra; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim” (Mateus 24:6).

O clima de guerra que vivemos em nossos dias não se limita a conflitos internacionais. O que mina a estrutura básica dos países hoje são as lutas internas. As guerras internacionais estão passando a ser a exceção. Dos 56 conflitos armados importantes que foram registrados na década passada, só três foram conflitos entre países. Todos os demais foram lutas internas, até mesmo quando em 14 deles houve intervenção de tropas estrangeiras apoiando um ou outro país.²

Por outro lado, enquanto a primeira metade do século passado esteve dominada por guerras entre países ricos, a maioria dos conflitos

internos contemporâneos ocorre nos países mais pobres do mundo. Mesmo as nações que lutam terrivelmente contra a fome desperdiçam dinheiro e energia lutando entre irmãos.³

Estudos realizados por especialistas mostram que existe relação entre os conflitos armados e a fome mundial. Um problema leva ao outro. O planeta está sendo tragado por um tornado violento do qual ninguém escapa. De um lado, as catástrofes naturais e as guerras; do outro, a ameaça de recessão financeira que leva milhões de pessoas à miséria e à fome. E, no meio, o ser humano, sem saber para onde ir, nem o que fazer. Este é o retrato do homem do século 21.⁴

Em nossos dias há muitos países que sofrem conflitos internos, as chamadas guerrilhas reivindicatórias. Essas lutas fratricidas desestruturam a vida dos habitantes de um país. Nesses conflitos sociais, as pessoas menos culpadas são as mais afetadas. Geralmente, as lutas internas ocorrem nas zonas rurais, onde vive o humilde e desprotegido homem do campo.

As guerrilhas abalam a produção de alimentos e provocam fome, e tudo devido à destruição material e saques de cultivos, rebanhos, colheitas e reservas de alimento dos homens do campo. Por outro lado, os movimentos revolucionários constantes desanimam e impedem os agricultores de trabalhar, e interrompem as vias de transporte através das quais se escoam a produção para o comércio.

Os jovens são obrigados a aderir às guerrilhas e, apartados do setor produtivo, abandonam os trabalhos que geram recursos. Como consequência, a fome aumenta, até muito tempo depois de cessados os conflitos. O que se pode fazer em uma terra onde os bens foram dizimados, as pessoas foram mortas e feridas, as populações emigraram para escapar do perigo e os danos ao meio ambiente são irreparáveis?⁵

Ainda mais terríveis são as minas disseminadas pelas terras agrícolas, que matam e mutilam as pessoas, e as desmotivam a cultivar durante décadas.

Por algum tempo, depois da Segunda Guerra Mundial, chegou a se pensar que o mundo teria paz. Os gastos com armamentos haviam diminuído

e as nações sonhavam com um futuro melhor. Durante esses anos, o gasto com armas diminuiu em 37%, e todos acreditavam que estávamos entrando em uma era de tranquilidade internacional.⁶

Pura ilusão. A profecia dizia que as coisas iriam de mal a pior: “Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição” (1 Tessalonicenses 5:3). E assim foi. O sonho acabou em 1988. A partir desse ano, a compra de armas por parte dos países voltou a aumentar: 2% em 1999 e 3% em 2000. Hoje, chega à escandalosa cifra de 835 bilhões de euros por ano; 15 vezes mais que o volume da ajuda humanitária internacional. Para o cúmulo dos males, esse aumento foi mais forte nas regiões supostamente menos ricas. E foram elas as que mais gastaram em compras de armas.⁷

Os novos pedidos feitos no comércio de armas cresceram escandalosamente nos últimos anos. Ironicamente, os cinco primeiros fornecedores de armas são membros permanentes do conselho de segurança da ONU. Você pode imaginar que haverá paz dessa maneira?⁸

– Eu não sinto nada disso – me dizia um jovem universitário outro dia.

Talvez você não sinta isso porque vive na cidade. Está acostumado com outro tipo de violência, da qual sequer tem consciência. Anda com medo, teme circular por lugares escuros quando a noite chega. Há bairros de sua própria cidade aonde você não teria coragem de ir, até durante o dia. Isso quer dizer violência urbana, a outra guerra sem quartéis, que está presente todos os dias na experiência do homem da cidade.

Se você pensa que só existem guerras nos países do Oriente Médio, ou as guerrilhas organizadas se limitam a ficar escondidas em locais de difícil acesso, está completamente equivocado. É verdade que na maior guerra de nossos dias, de acordo com dados da Organização Mundial da Saúde, já morreram 226 mil pessoas desde que começou a luta. Os mortos durante a invasão a outro país chegaram a 11.405, incluindo militares, guerrilheiros e civis. Mas, em um grande país do mundo, em uma guerra silenciosa e calada, são assassinadas 48 mil pessoas por ano como

resultado da delinqüência.⁹ O crime organizado foi capaz de paralisar uma megalópole e matar quase 20 policiais que estavam de serviço, em um só dia. E ninguém diria que há guerra nesse país. Entretanto, a máfia do roubo de cargas domina as estradas, o narcotráfico controla os bairros pobres, a máfia do tráfico de armas e o contrabando exercem poder nas fronteiras. Tudo isso gera pânico entre os cidadãos. Mas o país não está em guerra.¹⁰

Com uma média de 500 seqüestros relâmpagos por mês (mais de 16 por dia), outra grande metrópole é uma das cidades mais perigosas do mundo. A indústria do seqüestro movimenta, nessa cidade, 70 milhões de dólares por ano, e a classe média se vê obrigada a usar carros com uma blindagem especial, como se fosse um acessório a mais.¹¹

A mesma situação se repete em outras grandes cidades do planeta. Só em 2007, 4,2 milhões de pessoas foram vítimas da delinqüência em uma cidade. Qualquer outra metrópole do mundo poderia mostrar suas feridas abertas e suas estatísticas cruéis. Seriam denúncias de uma realidade grotesca: a violência diária que se vive nas ruas.¹²

As palavras de Jesus estão se cumprindo ao pé da letra. Guerras e rumores de guerras. Guerras entre irmãos, loucas e sem sentido. Guerras que nascem no fundo do coração humano. O homem e a mulher se esforçam para entender o que acontece dentro de si, mas não conseguem.

Em 1984, dirigi uma série evangelística no Estádio Nacional de Lima. Quarenta mil pessoas lotavam o estádio todas as noites. Gente desejava de ouvir as boas-novas do evangelho. Um mês depois, recebi uma carta de um militante do movimento guerrilheiro que tanta dor causou ao meu povo. A carta dizia: “Estive no Estádio Nacional, não porque me interessasse pelo que o senhor ia dizer. Estava lá numa missão designada pelo meu grupo. Estamos presentes em todos os lugares, com os olhos e os ouvidos atentos. Fui ao estádio naquele dia para cumprir uma rotina. Eu não sou mau. Sou simplesmente um sonhador. Sonho com um país livre, onde as crianças nasçam com esperança, e não condenadas a uma vida de exploração e miséria. Infelizmente, para construir esse

país, é necessário destruir a sociedade estabelecida. Eu pensava que para isso devia-se pagar um preço, e o preço era o derramamento do sangue de gente inocente. Mas, naquela noite, eu o ouvi falar de Jesus. Descobri que todo o sangue que seria necessário derramar para construir uma sociedade nova já havia sido derramado na cruz do Calvário. Mas o que o senhor quer que eu faça agora com a lembrança dos meus crimes? Que faço com os pesadelos que me consomem todas as noites? Como retiro da minha mente a imagem de gente inocente que suplica de joelhos que não a mate? Aonde vou com minha dor, com meu passado, com o peso terrível da minha culpa?”

Este foi sempre o grito desesperado do coração humano: O que faço? Que farei? Para onde vou? Em meio a esse torvelinho de lutas e aflições, eu convido você a ouvir a voz mansa de Jesus: “Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27). Nos tempos de conflitos e guerras em que vivemos, não pode haver convite mais doce.

Você aceitará o convite?

A resposta é apenas sua.

Mensagem falsificada

“Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos” (Mateus 24:24).

Seus movimentos são estudados. Fala com ironia e cinismo. Usa um relógio incrustado de brilhantes. Circula de um lado para outro em carros luxuosos e vive em uma mansão de sete milhões de dólares. Diz ser a encarnação de Cristo e, quando os jornalistas lhe perguntam por que veste roupas tão caras se Jesus andava na Terra com uma túnica velha e um par de sandálias gastas, responde: “Na minha primeira vinda, estive aqui para sofrer e morrer. Agora, voltei para reinar.”

Seu nome: José Luis de Jesus Miranda. Nasceu em Porto Rico e usa duas tatuagens com os números 666 nos dois antebraços. Alega ser, ao mesmo tempo, o anticristo. Por isso é que ensina uma mensagem diferente da que pregava quando era o Cristo sofredor. Segundo ele, “agora é um rei reencarnado e vitorioso”.¹

Milhares de seguidores o aclamam em vários países. Oferecem-lhe vultosas quantias de dinheiro e o tratam como um deus. Quando são entrevistados, argumentam que ele os libertou da culpa. Ensina que já não existe mal nem pecado. Segundo ele, em sua primeira vinda, pagou

o preço do pecado e acabou com o mal. Sua mensagem é agradável aos ouvidos do homem moderno.

Não é o único. Em uma casa do bairro Boqueirão, em Curitiba, abre-se uma cortina vermelha e aparece de túnica branca e um manto vermelho, uma coroa de espinhos na cabeça e um cetro de madeira na mão esquerda, o ex-verdureiro Luri Thais, de 49 anos. Sentado em um trono, proclama com voz impostada: “Eu sou Inri Cristo, o filho de Deus, a reencarnação de Jesus, o caminho, a verdade e a vida.”²

Há muitos anos, Inri Cristo peregrina pelo mundo. Já viajou bastante. Esteve em vários países. Foi expulso da Inglaterra e recebido na França. Nos últimos anos estabeleceu a sede de seu movimento em Brasília.

Também não é o último. Em um remoto local da Sibéria, em uma pequena cidade chamada Vivenda do Amanhecer, um homem tranquilo, de túnica branca, cabelos castanhos longos e um sorriso tímido, num misto de enigmático e de beatitude, diz ser o Cristo, que já voltou para salvar a humanidade. Não o diz a todos, somente a seus discípulos. E esses também são milhares e o adoram como a um verdadeiro deus. Vêm nele a reencarnação de Jesus Cristo. Seu nome verdadeiro é Sergey Torop, um ex-soldado russo. Pede que o chamem de Vissarion, “o que dá nova vida”.

Kevin Sullivan, jornalista norte-americano, publicou uma entrevista com vários discípulos de “Vissarion” no *Washington Post*. Ficou surpreso com as respostas. Luna Derbina, por exemplo, foi tradutora da Cruz Vermelha Internacional e viu nele o novo Mestre que esperou toda sua vida. “Creio que é Jesus Cristo. Sei que é, como sei que estou respirando”, ela declarou.

Galina Oshepkova, de 54 anos, dois filhos, era recém-divorciada quando alguém lhe mostrou um vídeo. Na fita, escutou Vissarion afirmar que havia voltado à Terra porque as pessoas haviam se esquecido de suas palavras e dos ensinamentos que deixara dois mil anos atrás. “Senti que meu coração batia com muita força e soube: ‘Esta é a verdade’, é ele. É a segunda encarnação de Cristo”, afirma a mulher, convencida.³

Ao mencionar os falsos cristos como um sinal de Seu retorno à Terra, é evidente que Jesus não estava se referindo apenas a esses personagens folclóricos, excêntricos, ou a tantos outros que apareceram no passado e aparecerão no futuro.

O Senhor Jesus mencionou também os falsos profetas. Gente que se considera enviada por Deus e oferece soluções mágicas aos problemas humanos. Vendem promessas de curas milagrosas e prosperidade financeira. Alegam que as bênçãos só serão recebidas pelos que têm fé, e que a fé é medida pela quantidade de dinheiro que as pessoas dão. Nos últimos anos, tem proliferado esse tipo de “profeta”. Aparecem todos os dias. Aprenderam a usar o rádio e a televisão para alcançar o grande público. Construíram verdadeiros impérios financeiros.

O argumento que usam para fundamentar suas afirmações é o “testemunho” das pessoas em cuja vida se realizou o milagre. Citam a Bíblia para afirmar que ninguém faria essas coisas se o Espírito de Deus não estivesse com eles. Jesus os descreveu da seguinte maneira: “Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai, que está nos Céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-Me: Senhor, Senhor! Porventura não temos nós profetizado em Teu nome, e em Teu nome não expelimos demônios, e em Teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de Mim, os que praticais a iniquidade” (Mateus 7:21-23).

É incrível. Pessoas que realizaram milagres e fizeram maravilhas em nome de Jesus recebem a desaprovação divina. Não fizeram a vontade do Pai. Atuaram de acordo com sua própria maneira de ver as coisas.

De certo modo, todos esses profetas e pessoas que se dizem ser o Cristo são o cumprimento da profecia, mas o assunto vai além de personagens delirantes ou de aproveitadores que se beneficiam com a incredulidade, o fanatismo ou a falta de informação do povo.

Quando Jesus falou de falsos cristos, disse que esses fariam “grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos” (Mateus 24:24). Isso é muito sério. Os eleitos – os que aceitam o convite de Deus

para afastar-se da mentira e do erro e viver só pela verdade – não seriam facilmente enganados por uma cura milagrosa ou simplesmente porque alguém diz que é Jesus reencarnado.

Se gente esclarecida vai ser vítima do engano é porque o assunto é mais complicado do que se imagina. Aqui a palavra-chave é “engano”. De acordo com a declaração de Jesus, nos tempos finais se preparará um engano tão bem armado que afetará até os eleitos. Quem estará por trás desse engano e como isso acontecerá? A Bíblia tem a informação necessária. Deus não poderia ter deixado pessoas sinceras que desejam encontrar a verdade sem orientação.

No livro de Apocalipse, encontramos que o maior autor do engano dos últimos tempos será o mesmo que no princípio arrastou um terço dos anjos do Céu usando a sedução e a mentira. João o descreve da seguinte maneira: “E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a Terra, e, com ele, os seus anjos” (Apocalipse 12:9).

Note que uma das características desse personagem maligno é que “engana todo o mundo”. Sua especialidade é o engano. Ele não obriga as pessoas a fazerem algo que não desejam. Elas o seguem porque querem. Acreditam no que ele ensina. Estão convencidas de que ele tem razão.

O instrumento que esse personagem usa para levar multidões a segui-lo voluntariamente é a sedução e a mentira. O Senhor Jesus descreveu esse enganador como alguém que “jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira” (João 8:44).

A batalha final, que o Apocalipse chama de Armagedom e que acontecerá antes da vinda de Cristo, não será basicamente uma batalha com canhões ou mísseis. Não será do Oriente contra o Ocidente, nem do socialismo contra o capitalismo. A última batalha dos séculos será entre a realidade e a ficção, entre a verdade e a mentira, entre o bem e o mal. E o campo da batalha será o coração humano.

Esse inimigo, mentiroso por natureza, tratará de enganar o maior

número de pessoas nos dias finais da história, até os mais precavidos. Para consegui-lo, naturalmente, não se apresentará como é. Se o fizesse, ninguém iria com ele. O apóstolo Paulo diz que o inimigo virá camuflado: “E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz” (2 Coríntios 11:14). Você percebe? Ele vai se apresentar como um “anjo de luz”. Será um personagem espiritual, religioso, operador de “sinais e prodígios”. De outro modo, os “escolhidos” nunca cairiam em suas artimanhas.

O apóstolo Paulo descreve a maneira que o enganador atuará nos dias finais: “No que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com Ele, nós vos exortamos a que não vos demovais da vossa mente, com facilidade. [...] Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus” (2 Tessalonicenses 2:1-4).

Esse texto é chave para entender o assunto. Paulo afirma que o Senhor Jesus não virá antes que “venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade”. Quem é esse “homem do pecado”? A quem o apóstolo se refere? De que apostasia fala e quando isso acontecerá?

O próprio Paulo menciona outras características desse “homem do pecado”. Diz que “se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto”. Mas se levanta contra Deus de uma forma estranha. “Opõe-se” sem se opor. Não fala contra Deus, mas se disfarça, “se faz passar por Deus”, se senta “no santuário de Deus”, como Deus. Mas não é Deus. Infelizmente, as multidões crêem nele, seguem-no e aceitam o que ele ensina. E, ao fazê-lo, logicamente, caem em apostasia.

Você conhece, em nossos dias, algum poder religioso que se atribua poderes divinos? Tem visto alguma instituição religiosa que pretende ter ou considere ter autoridade suficiente para “mudar” o que está escrito na Palavra de Deus? Isso é preocupante. O dia em que você vir um ser

humano se sentar em um trono e se fazer passar por representante de Deus, pode saber que é parte do cumprimento da profecia biblica.

Jesus disse que o momento de Seu retorno estaria próximo quando se visse “o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda)” (Mateus 24:15). A frase “quem lê entenda” está entre parênteses. Nem todos a entenderão. Vai depender da atitude com que o ser humano busca a verdade. Deus só Se revela aos que O buscam com sinceridade e humildade de coração.

E a que desolação abominável se referira o profeta? Para saber, precisamos ir ao livro de Daniel. Ele havia mencionado um poder religioso que “proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo e cuidará em mudar os tempos e a lei”. Um poder que “cresceu até atingir o exército dos Céus. [...] Sim, engrandeceu-se até o príncipe do exército [...] e deitou por terra a verdade; e o que fez prosperou” (Daniel 7:25; 8:10-12).

O profeta observa que, em algum momento da história, esse poder religioso tentaria mudar “os tempos e a lei” e deitaria “por terra a verdade”. Por que tanto ódio contra a verdade? Porque por trás desse poder está o pai da mentira. A verdade e a mentira são como a luz e a escuridão; não podem andar juntas. O inimigo de Deus inventaria uma lei falsa, mentirosa, para desviar a atenção das pessoas para longe da lei verdadeira.⁴ Tudo isso usando suas armas preferidas: o engano e a sedução.

Engano é a palavra-chave. O dicionário define engano desta forma: “dar à mentira aparência de verdade, induzir o outro a crer e a considerar certo o que não é”. O engano conduz ao erro, extravia. No capítulo 24 do Evangelho de Mateus, Jesus repete a advertência contra o engano quatro vezes, talvez porque o engano será o instrumento mais poderoso do inimigo nos últimos tempos.

O apóstolo Paulo continua a explicação desse “homem do pecado” dizendo que seus seguidores se perderiam “porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos. É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira, a fim de

serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade” (2 Tessalonicenses 2:10-12). Você percebeu a importância que o apóstolo dá à verdade? No fim dos tempos, haverá gente que se perderá porque “não recebeu a verdade”; preferiu “crer na mentira”.

A essa altura, algumas perguntas são necessárias: de que verdade fala Paulo? Onde está a verdade? Jesus respondeu a essa pergunta muitos séculos atrás. Ao orar em favor de Seus discípulos, disse: “Santifica-os na verdade; a Tua palavra é a verdade” (João 17:17).

Há momentos em que é preciso parar e pensar. Confrontar-se com a verdade pode ser doloroso porque a verdade sempre é um mundo de possibilidades que nos leva ao desconhecido e isso provoca medo. Mas você imagina o que teria acontecido se Newton não tivesse se interessado em saber a verdade quando a maçã caiu sobre sua cabeça? O que teria acontecido se um dia Cristóvão Colombo não tivesse decidido partir rumo ao desconhecido?

A Bíblia afirma que, lamentavelmente, nos dias antecedentes à vinda de Cristo, haverá muita gente que preferirá viver na mentira. Talvez isso seja mais cômodo e menos doloroso. Às vezes, as pessoas atuam como o paciente que está com câncer e prefere que o médico não lhe diga, esperando que o fato de ignorar a verdade possa diminuir a gravidade de sua realidade.

Mas o apóstolo vai além. Ele diz que nos últimos dias, pouco antes do retorno de Jesus, esse “homem do pecado” realizará o maior engano, a obra-prima da mentira: imitará a volta de Cristo. Ele diz assim: “Então, será, de fato, revelado o iníquo [...] cujo advento é por obra de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos” (2 Tessalonicenses 2:8-10). Você sabe do que se fala aqui? De uma falsificação. Uma imitação do retorno de Cristo tão bem-feita que até os eleitos poderiam ser enganados.

É interessante notar a palavra advento. Paulo a usa para se referir ao aparecimento mentiroso do iníquo, mas é a mesma palavra grega, (*parusia*), que o Novo Testamento usa para se referir à manifestação gloriosa do

Senhor Jesus Cristo. Coincidência? Não. O apóstolo usa essa palavra de propósito, para enfatizar a imitação quase perfeita da vinda de Cristo que o “homem de pecado” realizará. Tudo foi planejado pelo “iníquo”, minuciosamente, para fazer as multidões acreditarem que sua imitação é a verdadeira vinda de Jesus.

Essa será a obra-prima do engano satânico. O mundo está sendo preparado para isso. Observe a temática dos filmes, da literatura e dos jogos eletrônicos que milhares de seres humanos consomem. Vivemos a cultura do mágico, do sobrenatural e do extraterrestre. As crianças chegam ao ponto de tomar essas coisas por realidade. Por outro lado, note os fenômenos paranormais que o espiritismo realiza. Por que as pessoas não poderiam acreditar em um espírito maligno disfarçado de Cristo e que faz coisas espetaculares?

Atente para mais dois pensamentos do texto. O primeiro é o seguinte: essa *parousia* falsa é “por obra de Satanás”. Há um poder sobrenatural por trás dessa falsificação. É uma obra maligna. Pode vir acompanhada por sinais e prodígios, mas é maligna. João já o disse, ao descrever esse poder satânico, no livro de Apocalipse: “Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à Terra, diante dos homens. Seduz aos que habitam sobre a Terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar” (Apocalipse 13:13, 14). Você percebe? Esse poder engana os moradores da Terra. As pessoas se rendem diante dos sinais e dos prodígios. Aceitam o engano como se fosse a verdade da parte de Deus.

Os milagres e os prodígios não são, necessariamente, evidências de que Deus está por trás dessas “maravilhas”. Qualquer ser humano corre o risco de ser enganado e servir de instrumento do mal, pensando que está fazendo as coisas em nome de Jesus.

O outro pensamento é que o engano funciona apenas com os que não tiveram “amor à verdade”; com aqueles que rejeitaram a Palavra de Deus, que não quiseram recebê-la. Por medo, preconceito ou qualquer outro motivo, negaram-se a aceitar a verdade. A verdade só se encontra na Palavra de Deus.

Foi por causa da falsificação de Sua vinda que Jesus advertiu Seus discípulos: “Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis. [...] Vede que vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto. [...] Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis” (Mateus 24:23, 25, 26).

Recentemente, conversando com Armando Juarez, escritor mexicano residente nos Estados Unidos, ele me disse: “Imagine o que aconteceria se, um dia, uma nave espacial pousasse em alguma grande capital do mundo e todos os meios de comunicação enviassem seus repórteres para cobrir o acontecimento ao vivo. E, diante dos olhos do mundo inteiro, saísse alguém de aparência radiante, espetacular e carismática afirmando ser o Cristo. Quem se atreveria a duvidar, se todos estão vendo e se pode ser provado cientificamente?”

A única vacina contra os enganos do inimigo é o conhecimento da Palavra de Deus. Jesus disse: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:32). Porém, vivemos em tempos em que as pessoas praticamente desconhecem a verdade. Ignoram a Bíblia. Não sabem o que dizem as Escrituras. O ser humano de nossos dias prefere correr às livrarias e comprar produtos da imaginação humana. Prefere dar crédito a histórias fantasiosas em vez de se empenhar em estudar o que a Bíblia ensina.

O Senhor Jesus descreveu como seria Sua vinda para os discípulos. E o fez com toda clareza: “Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do homem” (Mateus 24:27).

A vinda de Jesus será um acontecimento visível para todo o mundo. Milhões e milhões de pessoas que habitam este planeta O contemplarão, vindo em glória. “Todo olho O verá”, afirma o apóstolo João (Apocalipse 1:7). Depois, procura descrever com palavras humanas o que o Senhor lhe mostrou em visão: “Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro.” O autêntico, o genuíno. O outro é imitação, o pai da mentira, o enganador.

João continua descrevendo: “Os Seus olhos são chama de fogo; na Sua

cabeça há muitos diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece, senão Ele mesmo [...] e o Seu nome se chama o Verbo de Deus. E seguiram-no os exércitos que há no Céu, montando cavalos brancos, com vestiduras de linho finíssimo, branco e puro. [...] Tem no Seu manto e na Sua coxa um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES” (Apocalipse 19:11, 12-14, 16).

Esse é o momento glorioso da humanidade. Cristo regressa à Terra para pôr um ponto final na história do pecado. Não mais dor. Não mais pranto. A morte não arrancará mais um ente querido de suas mãos. As tristezas, os dramas e as tragédias desta vida terão chegado ao fim.

Quando eu era garoto, um dia fugi de casa por medo do castigo. Havia cometido uma falta e sabia que teria de acertar as contas com minha mãe. Corri muito. Corri pensando que iria ao lugar mais distante da face da Terra em que nem minha mãe me encontraria. Corri acreditando que lá, no ponto infinito do horizonte, onde o céu se une com a Terra, poderia me esconder de meus próprios erros. Tinha medo de parar. Corri sem saber para onde. Simplesmente corri.

O crepúsculo começava a esconder o dia nos trigais maduros de minha terra. As sombras da noite se misturavam com meus medos e me aprisionavam. O canto ameaçador das corujas parecia a gargalhada sinistra da noite. Estava cansado, com frio e com fome. Agachado debaixo do umbral de uma casa abandonada, fui vencido pelo cansaço. Não sei quanto tempo dormi. Sei apenas que acordei assustado. Alguém acariciava meu rosto docemente. Era minha mãe.

– Já está bem, filho – sussurrou em meus ouvidos com ternura. – Você já correu muito; chegou a hora de voltar. Vamos para casa.

Essa é a verdade mais maravilhosa de todos os tempos. Você também já correu demais, já sofreu, já chorou. Já feriu seus pés na areia quente do deserto desta vida. “Já está bem, filho”, Jesus lhe diz, “chegou a hora de voltar. Vamos para casa.”

Você aceitará o convite?

A resposta é só sua.

Um mundo sem Deus

“Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos, [...] pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador”

(Romanos 1:21, 22, 25).

Agosto de 1995. O sol forte castiga a cidade de Nova York. Faz um calor insuportável. Quarenta graus ou mais! Procuo me refrescar com uma limonada gelada em um bar do Rockefeller Center.

Estou no coração de Manhattan. Meu professor, um francês nascido nos Estados Unidos, bebe uma cerveja. Nunca havíamos tido a oportunidade de conversar fora das aulas. É a primeira vez que falamos de assuntos alheios à vida acadêmica. Ele me pergunta quem sou e o que faço. Ao ouvir minha resposta, sua atitude amigável muda. Bebe um gole de cerveja, me olha como se eu fosse uma criança desprotegida, quase com compaixão, e me pergunta sorrindo:

– É possível acreditar em Deus nos nossos dias?

Percebo a ironia em sua voz. Sorrio e continuo bebendo a limonada.

Desde então, sempre que pode, o professor conduz nossa conversa para o terreno religioso. Ele não tem inquietações espirituais. Só quer me provar que Deus não existe. Eu o deixo falar. Ouvir é veneno mortal para essa classe de pensadores. Ouvi-os com atenção os desconcerta, os confunde, faz com que se percam no emaranhado de seus raciocínios. Por isso, o escuto e lhe sorrio.

A mente desse homem de 50 anos, de ar triunfante e aparentemente realizado na vida, é brilhante. Tipicamente inquisitiva. Sua capacidade de argumentar é extraordinária. Seria capaz de provar a qualquer pessoa que é noite, mesmo que o Sol brilhasse no meio do céu azul. De acordo com sua maneira de ver as coisas, ele e tudo o que conseguiu na vida provam que o ser humano não precisa de Deus para vencer.

Passam-se os dias. Nada melhor que o tempo para analisar a consistência dos conceitos. Certa vez, em uma de nossas últimas conversas, despejou uma enxurrada de argumentos contra a existência de Deus. Eu considero uma perda de tempo continuar discutindo o assunto. Mas ele insiste. Em silêncio, me pergunto a que ele se propõe. Ao ver que não se detém, o interrompo:

– Está bem, professor – digo. – Imaginemos que o senhor tenha razão. Deus não existe. Imaginemos também que o senhor tem um único filho, de 20 anos, na flor da existência. Um filho a quem o senhor ama muito e pelo qual seria capaz de dar a vida. Para sua tristeza, ele está afundado nas drogas, é um viciado. O senhor, como pai, já fez tudo que pôde para ajudá-lo. Procurou os melhores especialistas, internou-o nos melhores centros de recuperação. Chorou, gritou e sofreu. Ninguém é capaz de fazer coisa alguma para libertá-lo das garras do vício e o senhor acaba de me “provar” que Deus não existe. Então, me diga: que esperança resta para seu filho?

O homem se mexe nervoso, cruzando as pernas de um lado para o outro no sofá de couro marrom. Seus olhos brilham mais úmidos do

que nunca. São olhos redondos, de olhar penetrante. Mas, dessa vez, seus olhos estão tristes. Posso ver a emoção retratada em seu rosto. Talvez de sofrimento e dor. Sem querer, toquei numa ferida aberta em seu coração. E a ferida sangra. Ele tenta dizer algo, mas não consegue. Somente se levanta, faz um aceno com a cabeça, como despedida, e se retira. Enquanto sai, vejo-o esconder, discretamente, uma lágrima rebelde.

No dia seguinte, fico sabendo que tem um filho. Um único filho, de 20 anos, completamente destruído pelas drogas. Então, creio entender sua rebeldia, seu estranho orgulho intelectual, até a ironia de suas perguntas.

Algumas semanas depois, antes de voltar para o Brasil, vou me despedir dele. Ele me acompanha em silêncio até o primeiro andar. Ali nos abraçamos. Ambos sabemos que nossa conversa não terminou. Está emocionado. As palavras não vêm aos seus lábios, estão presas em sua garganta. De repente, engole em seco, e sussurra em meus ouvidos:

– Pastor, o senhor sabe, eu não acredito em Deus, mas o senhor sim. Por favor, peça ao seu Deus que ajude meu filho.

A atitude do professor norte-americano, filho de pais europeus, me doeu. Lamentei vê-lo com os olhos cheios de lágrimas, sentindo-se impotente frente à desgraça do filho que ama e, entretanto, incapaz de reconhecer Deus como a única solução para seu drama. Ele é o retrato da geração dos tempos anteriores à volta de Jesus. O apóstolo Paulo a descreve do seguinte modo: “Tendo conhecimento de Deus, não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato” (Romanos 1:21).

O problema básico do homem de nossos dias é o orgulho. Eles “se tornaram nulos em seus próprios raciocínios”, diz o apóstolo. O jornalista Francisco Umbral, que escrevia para o jornal espanhol *El Mundo*, comprova a declaração de Paulo. Antes de morrer, escreveu o seguinte em sua coluna: “Nietzsche e todos os outros que sabemos encerraram o mundo antigo, decretando a morte de Deus e a solidão do homem. Isto é a Modernidade, e nada a pode superar. Instituições arcaicas, como a igreja, estão vivendo hoje apenas como resquícios.”¹

Umbral poderia ter citado Kant, Schopenhauer, Feuerbach, Marx ou Freud, para demonstrar sua modernidade. Não seria surpreendente. A Bíblia já o previra tempos atrás. Nesta época chamada pós-moderna, seria comum esse tipo de pensamento. É a tendência quase generalizada, especialmente nos países chamados desenvolvidos. Muitos intelectuais pensam e opinam de acordo com o orgulho de seu raciocínio. Gostam de ser chamados de livres-pensadores. Não querem compromisso com nada nem com ninguém. Muito menos com alguém que nunca puderam ver nem tocar: Deus.

Por um lado, há os deístas. Eles acreditam em um Deus criador que Se esqueceu de Sua criação e não intervém mais nela. Há os agnósticos, que duvidam da existência de qualquer tipo de Deus. Finalmente, há os ateus, que não crêem em nenhum tipo de Deus.

Esses tipos de pensamentos consideram Deus um “conceito superado, arcaico, infantil”. Agredir a Deus virou moda. Há pouco tempo, o filósofo francês Michel Onfray escreveu seu *Tratado de Ateologia*. Só na França, vendeu 200 mil exemplares. Em uma passagem do livro declara, cheio de auto-suficiência: “O último deus desaparecerá com o último dos homens, e com o último dos homens desaparecerão o terror, o medo, a angústia, essas máquinas de criar divindades.”²

Talvez Onfray acreditasse estar revolucionando o mundo com sua maneira de pensar, mas não é o único. Richard Dawkins, biólogo inglês, também escreveu outro sucesso editorial desse gênero: *Deus, um Delírio*.³ Seu livro é um esforço desesperado para provar que Deus não passa de um mito superado pelo tempo. Além disso, o jornalista Christopher Hitchens, que vive em Washington, publicou *Deus não é Grande*;⁴ e o filósofo norte-americano Sam Harris acaba de escrever sua *Carta a uma Nação Cristã*.⁵ Nela se defende das críticas que recebeu em seu primeiro livro, no qual considera ridícula a existência de Deus.

Todos esses autores têm algo em comum. Para eles, o ser humano não precisa de Deus, nem mesmo para ser um bom cidadão. Dizem que a moralidade não depende de religião e que, portanto, um ateu pode ser

ético e bom. Isso é suficiente para ser feliz. A neurociência, cujas “descobertas” provaram que até os chimpanzés têm noções morais, sentimentos de empatia e solidariedade, e “entretanto não oram nem crêem em Deus”,⁶ é partidária dessa tese.

O assunto em questão não é se a pessoa que rejeita a Deus pode ter critérios morais ou não. A moralidade não é patrimônio dos cristãos. O importante é a profecia bíblica que anuncia que, nos dias finais da história humana, essa maneira de pensar seria cada vez mais freqüente. Hoje, não crer em Deus é quase regra entre os intelectuais. A revista *Nature* afirma que 60% dos homens de ciência são ateus.⁷

Agnósticos à parte, se dermos uma rápida olhada no mundo, veremos que, apesar da incredulidade de muitos, há um aparente despertar do ser humano em favor da religiosidade. Por exemplo, na Holanda, reconhecidamente o país europeu mais agnóstico, está havendo um aparente retorno à oração.

Há poucos anos começou o chamado “movimento de oração na empresa”. Nesse tempo, na Holanda, poucas pessoas prestavam atenção a esse movimento. Por que deveriam se preocupar? Além do mais, o destino da Holanda era se converter em um país agnóstico, no qual a oração era considerada, quando muito, “um passatempo irracional, e também inofensivo”.

Entretanto, hoje, a “oração laboral” está se convertendo em um fenômeno aceitável, no qual mais de cem empresas participam. Ministérios do governo, universidades e multinacionais (como Philips, KLM e ABN AMRO) permitem que seus empregados organizem encontros regulares de oração nos locais de trabalho. Até os sindicatos começaram a pressionar o governo para que reconheçam o direito dos trabalhadores orarem nesses locais.⁸

Adjiedj Bakas, observador profissional de tendências, e Minne Buwalda, jornalista, autores do estudo recentemente publicado sob o título *O Futuro de Deus*, crêem em uma “recaída holandesa na religiosidade”.⁹

Extraordinário? Talvez sim, talvez não. Esse aparente retorno do povo à oração e ao louvor não significa retorno à Bíblia. As pessoas percebem

que o agnosticismo não satisfaz as necessidades mais profundas do coração humano, e se voltam para a emoção da religião. Não aos valores absolutos de um Deus absoluto, mas a um relativismo de um deus-energia que não espera nada e simplesmente dá o salvo-conduto para o caminho que a criatura decide seguir.

Isso dá origem a um cristianismo sem Cristo. O *Sunday Times* publicou uma notícia que alarmou muitos cristãos. Dirigentes eclesiais de um país europeu escreveram uma prece denominada “A Resolução do Milênio”, para marcar a chegada do ano 2000. Nela, omite-se toda referência a Deus e a Jesus Cristo.¹⁰

É esse o cristianismo pós-moderno? É essa a conversão do agnosticismo ao cristianismo ou é a simples secularização do cristianismo? O apóstolo Paulo mencionava esse tipo de cristianismo como um sinal dos tempos do fim: “Tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder” (2 Timóteo 3:5).

Quando o cristianismo toma o nome de Cristo, mas não vive Seus ensinamentos, perde autoridade. Pessoas de religiões não cristãs que vivem na Europa não aceitam o cristianismo porque vêem o estado de corrupção dos líderes espirituais. Segundo os participantes de um encontro de leigos católicos, denominado “Operação mobilização”, os cristãos estão assustados por causa da delinquência, da prostituição e da pornografia que estão avançando, inclusive no meio cristão. Mônica Maggio, cristã voluntária, afirma que os não cristãos não encontram sentido no caos da sociedade ocidental e os cristãos, com sua decadência religiosa, não estão em condições de ajudá-los.¹¹

A revista *Reader's Digest* realizou um estudo e concluiu que, na Alemanha, 20% das pessoas que se consideram protestantes e 10% de católicos, na realidade, são deístas.¹² Crêem em Deus, mas isso não afeta sua vida. Segundo a revista alemã *Der Spiegel*, as igrejas alemãs caíram na irrelevância. Os valores cristãos têm cada vez menos impacto na sociedade. De acordo com uma pesquisa recente, apenas 37% da população alemã consideram que a igreja deveria requerer valores morais. O público

alemão considera que a polícia, os partidos políticos e a organização ambientalista Greenpeace estão mais qualificados do que as igrejas para difundir valores.¹³

A verdade é que a criatura determinou, em seu coração, não crer mais em Deus, ou crer nEle apenas como energia despersonalizada, uma força interior ou simplesmente um deus, com minúscula, que ela pode manejar a seu bel-prazer. Tirou o Deus criador, soberano e todo-poderoso do cenário de sua existência.

Apesar da atitude atrevida da criatura, e longe de morrer, como quis Nietzsche, Deus continua no controle da vida e do Universo. Ficou apenas “a solidão do homem”, usando as próprias palavras do filósofo. Que homem? Um homem que se afunda cada vez mais na areia movediça de seu raciocínio. “Porquanto, tendo conhecimento de Deus, não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios. [...] Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos” (Romanos 1:21, 22), afirmou o apóstolo Paulo há mais de dois mil anos.

Voltemos a meu professor agnóstico. Entre os argumentos que ele usava, tentando “provar” que o Deus pessoal que os cristãos adoram não existe, estava a existência de uma suposta energia cósmica que impregnaria tudo o que se movimenta no céu e na Terra. Na realidade, ele acreditava em Deus, mas não o chamava de Deus, mas de energia. Usava uma corrente de ouro no pescoço, de onde pendia uma pequena pirâmide de cristal. Segundo ele, para atrair a energia cósmica do Universo. A Bíblia já descrevia esse tipo de pensamento, há muitos séculos, ao dizer: “Pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador” (Romanos 1:25).

Aquele homem, de mente inquisitiva, professor de inglês em uma famosa escola de idiomas para executivos em Manhattan, havia deixado de prestar culto ao Criador e honrava a criatura. Sua atenção se dirigia a uma pedra de cristal. Quando as coisas iam mal, pegava a pedra e se concentrava nela, quase com devoção, para receber as “radiações energéticas”. Considerava isso mais sábio e inteligente que elevar seu clamor a Deus.

Essa é a realidade de nossos dias. A humanidade tem voltado seus olhos à criatura em vez de dirigi-los ao Criador. Há pessoas que não saem de casa sem consultar o horóscopo. Acreditam que seu destino está determinado pelos astros.

Há oitenta anos, o astrólogo Llewellyn George fez uma declaração visionária. Naquele tempo não foi levado a sério. “Chegou a hora”, disse, “em que as massas, como um todo, se interessam pela astrologia.”¹⁴

Em uma época em que as pessoas viviam fascinadas pelo desenvolvimento da tecnologia e as descobertas científicas, as palavras desse professor de astrologia pareceram não fazer muito sentido; mas hoje, quando vemos milhares de seres humanos com a atenção dirigida aos astros, percebemos que ele não estava enganado.

O que leva as pessoas a buscarem seu destino na astrologia? A profunda necessidade espiritual da alma, o vazio interior, a falta de sentido para a vida. O ser humano pode não estar consciente dessa necessidade, mas ela está presente em tudo o que realiza. Nessas circunstâncias, a astrologia desempenha um papel encantador. Mostra aparentes explicações da sua personalidade. Aconselha-o a buscar dinheiro, amizade ou amor, mas não exige nada, do ponto de vista moral. Isso agrada ao homem e à mulher de nossos dias. O mundo não está muito preocupado com as coordenadas morais. As pessoas querem decidir o que é correto ou não sem interferências alheias. Os princípios eternos de Deus não têm importância. A única coisa que interessa são as informações que eu possa administrar à minha vontade. Não aceito que ninguém me diga o que devo fazer.

A princípio, essa atitude do homem moderno pode parecer confortável, mas a fome espiritual continua. As religiões falharam em responder às perguntas existenciais porque se afastaram do único Livro capaz de prover respostas satisfatórias. Usamos a Bíblia, mas a acomodamos a nosso capricho. Escolhemos o que se adapta à nossa maneira de ser e de pensar, mas resistimos a adequar nossa vida aos ensinamentos eternos da Palavra de Deus.

A astrologia aproveita esse vazio para marcar presença. E o aproveita sem consistência alguma. Não passa de suposta ciência ligada ao esoterismo. Baseia-se em uma série de crenças de povos antigos, que acreditavam na influência dos astros no destino das pessoas. Essa prática era utilizada pelas elites sacerdotais e pelos magos da Pérsia. Os encantadores daqueles tempos realizavam diferentes previsões, anunciando as melhores épocas para semear, colher e fazer outras atividades. Os reis tinham seus astrólogos particulares, que lhes indicavam o tempo oportuno para ir ou deixar de ir à guerra. Essa suposta ciência foi passando de uma geração a outra e, em cada etapa, foi adquirindo mais sofisticação, até chegar a nossos dias.

A astróloga Margaret Hone, ao procurar explicar a astrologia, declara: “A astrologia é um sistema particular de interpretação da relação que existe entre a ação planetária e a experiência humana.”¹⁵ Do ponto de vista dos astrólogos, as “influências planetárias” determinam os comportamentos ou as atitudes humanas. Ou seja, eles tentam dar fundamento científico às especulações humanas, mas a astrologia não é uma ciência como a astronomia. Na realidade, por trás das interpretações astrológicas estão os deuses das mitologias antigas. Os astrólogos atribuem características aos planetas que os deuses do antigo politeísmo tinham. Mas a cara que a astrologia mostra às pessoas é a cara dos astros e não a dos deuses. E muita gente vai atrás dela acreditando que está correndo atrás da ciência.¹⁶

Hoje, de uma ou outra forma, a astrologia permeia todas as atividades do ser humano. Pois se desdobrou em outras disciplinas esotéricas e místicas. Há gente que crê que o destino do ser humano depende dos números, ou de pedras preciosas, ou até das cores. Multidões correm atrás dessas ideologias em busca de solução para os seus problemas.

As estatísticas indicam que 95% dos norte-americanos acreditam em astrologia, discos voadores, fantasmas, cristais e outros tipos de superstições. Só nos Estados Unidos existem mais de dez mil astrólogos e gente dedicada à cartomancia. Entre seus clientes se encontram pessoas

famosas. O interesse em assuntos dessa natureza é tão grande que uma organização fundada pelo falecido guru Maharishi Mahesh Yogui já ganhou três bilhões de dólares.¹⁷

No momento em que escrevo estas páginas, 14 adeptos da Igreja Ortodoxa Russa Verdadeira, que se encontravam em um refúgio subterrâneo havia cinco meses à espera do fim do mundo, tiveram que abandonar o lugar após um desmoronamento parcial. Eles esperavam o evento final dos séculos para o dia 8 de maio de 2008, uma data determinada a partir do estudo das estrelas.

Quem realmente está por trás de tudo isso? Sem dúvida, o mesmo personagem que, segundo o relato bíblico, um dia se apresentou diante da primeira mulher, Eva, e a fez crer que havia um poder especial no fruto que lhe oferecia. Você e eu sabemos que no fruto não havia nada. O propósito da serpente não era que a mulher comesse o fruto proibido, mas que se afastasse de seu Criador e pusesse sua atenção na coisa criada. O poder de adivinhação e encantamento de qualquer disciplina esotérica vem de alguém cujo único propósito é o engano.

Com relação a esse assunto, a Palavra de Deus é categórica: “Quando vos disserem: Consultai os necromantes e os adivinhos, que chilreiam e murmuram, respondi: Não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos?” (Isaías 8:19).

O cristianismo deveria ser o último baluarte em defesa dos valores bíblicos, mas se entregou e deixou penetrar teorias enganosas que nasceram na mente diabólica em sua doutrina. Essas doutrinas não têm fundamento bíblico.

Um exemplo disso é a crença na imortalidade da alma. A Bíblia é clara ao afirmar que, quando o homem morre, acaba tudo para ele: “Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento. Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol” (Eclesiastes 9:5, 6).

Se os mortos nunca mais terão “parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol”, como o espírito de um morto pode voltar? Como alguém pode falar com ele? O rei Salomão, por inspiração de Deus, continua dizendo: “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma” (Eclesiastes 9:10).

Se no sepulcro ou sepultura, que significa morte, não há lugar para mais nada, como alguém pode reencarnar em outras formas de vida? De onde saiu essa idéia? Evidentemente, de um poder enganador, o diabo, tal como a Bíblia revela. Note que, nos últimos tempos, todo falso cristo afirma ser a reencarnação de Jesus. Não lhe parece curioso? Você crê que isso é pura coincidência? Ou existe um plano arquitetado por trás dessas estranhas aparições?

O assunto é sério. O cristão deveria tomar a Palavra de Deus como a única regra de fé e doutrina. Ninguém deve aceitar ensinamentos espúrios passivamente. Confiar na autoridade de uma igreja e na força da tradição pode ser fatal quando estão em jogo assuntos espirituais.

Se os cristãos deixam a Palavra de Deus e confiam em doutrinas humanas, espúrias, deterioram o resultado de sua fé. O resultado é a secularização do cristianismo. A palavra “secular” tem sua origem no vocábulo latino *secularis*. Significa algo que está relacionado com o presente estado de coisas, com a cultura atual, com os valores de hoje. O homem de nosso tempo vive terrivelmente influenciado pelas experiências científicas e tecnológicas. Estas ressaltam a importância da matéria e desembocam em filosofias materialistas. Os cristãos não estão imunes a essa influência, e se contagiam, dando origem ao cristianismo secularizado.

O cristianismo secularizado crê em Deus, mas Deus não passa de um simples nome; um detalhe, uma espécie de amuleto que serve para as emergências. Passado o perigo, não existe mais compromisso com ele. A pessoa vive como se Deus não existisse.

A única diferença entre o pagão e o cristão secularizado é que o último vai à igreja de vez em quando. É, digamos assim, membro de um

clube religioso. Não vai à igreja para adorar a Deus, mas para observar os cultos, com a mente típica do consumidor. Se o produto agrada, volta; se não, critica e vai buscar outra igreja que satisfaça suas expectativas. E, sobretudo, “paga” com suas ofertas e se sente com direito a receber, em troca, um produto de primeira.

Os líderes, por sua vez, não sabem que produto “de última geração” apresentar para atrair a atenção dos “espectadores”. Em um mundo cheio de competitividade, esforçam-se por realizar o melhor show. Rebaixam o padrão dos princípios bíblicos e dizem que Deus só oferece amor. Na opinião desses líderes, a graça maravilhosa de Cristo supera qualquer deficiência humana, inclusive a vida de alguém que não reconhece seu pecado e nem quer abandoná-lo.

O apóstolo Paulo falou do triste resultado dessa atitude humana: “E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes” (Romanos 1:28).

Que coisas são essas que não convêm? Escrevendo ao discípulo Timóteo, o apóstolo completa seu pensamento: “Sabe, porém, isto: Nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus” (2 Timóteo 3:1-4).

Cedo ou tarde, ao tirar Deus do cenário de sua existência, o ser humano também termina por retirar os limites de sua vida. “Que seja eterno enquanto dure”, repete a si mesmo inúmeras vezes. Tenta justificar um estilo de vida cujo propósito é apenas agradecer aos seus sentidos. Mas não o consegue. Sente-se vazio, oco, incompleto. Deseja ser feliz a qualquer preço. Inutilmente, se esforça para consegui-lo e erra o alvo.

A Bíblia chama de “pecado” a essa frustração. Na Sagrada Escritura, a palavra pecado provém do termo grego *hamartía* que, literalmente, quer dizer: “errar o alvo; apontar em um objetivo e chegar a outro”.

Querer ser feliz e alcançar a infelicidade. Falhar, perder-se no caminho, confundir as coisas. Mas o homem moderno insiste em ignorar o pecado. Decidiu chamá-lo de “desequilíbrio interior”, “fragilidade humana”, “desvio de conduta”, “escolha pessoal”, qualquer coisa, menos de pecado. Como se o fato de mudar-lhe o nome resultasse na solução.

Lembro-me de um concurso que uma professora fez na escola, pedindo às crianças que dessem idéias para resolver o problema da crise energética.

– O combustível do mundo está se esgotando – disse-lhes – e precisamos de sugestões para impedir que isso ocorra.

No dia seguinte, os aluninhos chegaram com as idéias mais engraçadas e absurdas.

– Tem que pôr um cachorro ao lado de cada motorista, para latir toda vez que ele correr muito, para não gastar muito combustível – disse um.

– Que não se venda mais gasolina, então ela não acaba – respondeu outro.

Mas a resposta mais interessante foi a de Joãozinho:

– Vamos mudar o nome da gasolina. As pessoas comprarão outra coisa e a gasolina ficará guardada.

Essa parece ser a solução que o homem de nosso tempo crê ter encontrado para as dificuldades que enfrenta por ter se afastado de Deus. Se um dia o ser humano saiu das mãos de Deus, somente estará realizado e completo quando voltar ao seu Criador. Mas o homem nega essa realidade, esquecendo-se de que é um filho de Deus e que deve viver como tal.

Desde pequeno percebe o mundo com distorções. Deus é algo sem muita importância. Na televisão, vê programas cômicos nos quais as coisas espirituais são ridicularizadas. Então, cresce aceitando a vida secularizada como algo normal.

Em 1987, nas selvas de Uganda, descobriram um garoto que a mídia chamou de “o menino macaco”. Tudo indicava que essa criança havia vivido com um grupo de macacos por quatro ou cinco anos, pelo menos. O garoto, de aparentemente seis anos de idade, foi levado a um hospital e

depois a um orfanato, onde pulava e se movimentava em círculos como um macaco. Recusava-se a comer a comida que lhe ofereciam e mordida todos que se aproximassem dele.¹⁸

Os estudiosos do comportamento desse menino disseram que, se uma criança vive com animais por mais de quatro ou cinco anos, é quase impossível que volte a ter um comportamento normal. O cérebro recebe marcas irreversíveis.

Algo parecido acontece com o ser humano adulto. Ele vive em um mundo cheio de racionalismo. Esqueceu-se de que saiu das mãos de Deus. Percebe as conseqüências de viver separado de seu Criador. Vê sua família destroçada, seus filhos escravizados pelo mundo das drogas e pela promiscuidade. Seu lar está cheio de escombros, seus ideais mortos, seus sonhos se esfarelaram, viraram pó. Essa é a sua realidade. Sua triste e desesperada realidade. Realidade diária, de toda hora, cada minuto. Convive com ela, carregando-a dentro de si, levando-a para todos os lados. Sofre, perde o prazer de viver, e então, desesperadamente, busca a solução inventando pseudo-soluções, paliativos que façam diminuir a intensidade do grito angustiado de seu coração.

Ah, triste coração! Por que chora em silêncio a dor que ninguém vê? Por que corre, por que foge, por que se esconde? Nas horas mais escuras de sua vida, quando a dor rouba sua vontade de viver, quando procura respostas dentro de si e não as encontra, por que não volta seus olhos para o Criador?

Há mais de dois mil anos, contemplando o panorama espiritual de nossos dias, o Senhor Jesus Se perguntou: “Quando vier o Filho do homem, achará, porventura, fé na Terra?” (Lucas 18:8). O que estava querendo dizer é se os homens ainda se lembrariam de que Ele os ama e os espera com braços abertos. Ainda se lembrariam?

A resposta é apenas sua.

A revolta da natureza

“Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; sobre a Terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas; haverá homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes dos céus serão abalados” (Lucas 21:25, 26).

Ismael Gumuda chora sua tragédia. Lamenta estar vivo. Preferia estar morto e não sentir nada. Chora a lembrança do irmão ausente. Recorda e chora com apenas 11 anos. As imagens não se apagam de sua mente. Durante o dia as vê a toda hora. Todas as noites voltam em forma de pesadelo. Não esquece. Não pode esquecer o dia em que a gigantesca onda arrancou o irmãozinho de sete anos dos seus braços.

Estavam na escola ensaiando uma peça para a celebração do Ano-Novo, quando ouviram um estrondo terrível, como de mil trovões. Esse barulho marcaria sua vida para sempre. “Demos meia-volta e vimos que uma onda gigante, mais alta do que o prédio da escola vinha para cima da gente”, diz enxugando as lágrimas. “Eu segurei meu irmão com firmeza, mas a onda nos separou. Não pude fazer nada para ajudá-lo. Ele me olhava aterrorizado, querendo que o ajudasse, mas não pude; a água

tinha mais força que eu. Só sobrevivi porque a onda me levou até o pé de uma montanha, enquanto meu irmão desapareceu, tragado pelo mar. Sinto muito sua falta e oro por ele.”

Os professores da escola onde ele estuda notaram que Ismael não é o mesmo desde o impacto do tsunami. Emagreceu, está sempre triste e calado. Ele é um dos estudantes da escola Ban Talaynork que participa do programa de reabilitação psicológica promovido pelo Unicef, na Tailândia.¹

Esse relato dramático é parte de uma tragédia que despertou a humanidade para uma realidade aterradora: a vida não vale nada quando a natureza enlouquece. A madrugada do dia 26 de dezembro de 2004 permanecerá na lembrança dos mortais para sempre. Os anos passarão e continuaremos atordoados, desconcertados e perplexos.

Até esse dia, muitas pessoas nunca tinham ouvido falar de tsunamis. De repente, agora, todo o mundo tem consciência de uma realidade que assusta. Que nome se poderia dar ao poder destruidor de uma natureza enlouquecida que, em fração de segundos, removeu ilhas, fez cidades inteiras desaparecerem e devorou quase 200 mil vidas? Para onde o homem poderia correr para se proteger de uma força equivalente à explosão de um milhão de bombas atômicas, como a que destruiu Hiroshima durante a Segunda Guerra Mundial?²

Naquela madrugada de horror, o planeta foi estremecido até seus fundamentos. A humanidade, atingida no âmago de sua consciência. O tremor assassino, de nove graus na escala Richter, começou no extremo norte da Indonésia e passou pela Tailândia, Índia, Bangladesh e Sri Lanka. Atravessou 6.500 km, matou centenas de pessoas na costa oriental da África e seguiu por mais milhares de quilômetros, até agitar ameaçadoramente os mares do Chile.

A ressaca do Natal desse dezembro trágico teve gosto de sangue e morte. De maneira trágica, o homem entendeu quão pequeno é diante da fúria da natureza.

O horror experimentado pelo mundo quando o ano de 2004 agonizava era apenas o preâmbulo de um 2005 cheio de catástrofes naturais.

Semanas depois do tsunami da Indonésia, uma série de furacões causaria inundações e mortes na América Central e nos Estados Unidos. O furacão Katrina, com nome de mulher e fúria de mil demônios, entraria para a história como um impiedoso assassino. Semeou pânico e destruição, provocou danos irreparáveis e submergiu durante semanas a cidade de Nova Orleans. O encanto francês da bela cidade do *blues* e do *jazz* ficaria coberto por uma lama fétida, com cheiro de morte.³

Em 8 de outubro do mesmo ano, outro terremoto de proporções gigantescas sacudiria o Paquistão e a Índia, provocando milhares de mortos e dezenas de milhares de feridos, deixando milhões de pessoas desabrigadas.⁴

Alguns dias depois, o furacão Stan mataria mais de 70 mil pessoas na Guatemala e no sul do México. E o vulcão Yamatec, em El Salvador, entraria em erupção, causando várias mortes e desalojando pelo menos 7.500 famílias.⁵

De acordo com o Centro de Pesquisa Epidemiológica de Desastres (CRED, na sigla em inglês), um órgão colaborador da Organização Mundial da Saúde, apenas de janeiro a outubro de 2005 quase 100 mil pessoas morreram em todo o mundo por catástrofes naturais. O CRED controla, na Bélgica, um arquivo de dados sobre desastres em âmbito mundial. De acordo com essa entidade, o número desses eventos vem aumentando notavelmente a partir de 1900.⁶

O ano de 2005 poderia ter entrado para a história como o período de maior número de catástrofes naturais. Mas não foi assim. Em 2006 houve registro de ainda mais protestos selvagens da natureza. Para completar o cenário sombrio, Markku Niskala, secretário geral da Cruz Vermelha Internacional, declarou recentemente que em 2007 houve um aumento de 20% de catástrofes em relação a 2006. Alcançou-se a assustadora cifra de quinhentos cataclismos no mundo inteiro.⁷ Na atualidade, calcula-se em 250 milhões o número de pessoas afetadas por desastres naturais a cada dez anos. Na metade dos casos, o elemento destruidor é a água.

Água é vida. Se há pouca água, a vida se extingue. Se há muita, traz a

morte consigo. Isso é o que acontece em algumas partes do mundo em que as inundações não dão trégua. A pior de todas foi a do Rio Amarelo, na China, em 1931. Matou cerca de quatro milhões de pessoas. Segundo o IPCC, “é provável que os episódios meteorológicos extremos aumentem em frequência e força durante o século 21, como resultado das mudanças climáticas”.⁸

Frente a essa realidade macabra, a humanidade se pergunta angustiada: o que aconteceu com nosso planeta? Enlouqueceu? Quando vai parar tudo isso? As respostas são ainda mais macabras. Muitos religiosos saem apregoando a ira divina e a destruição do mundo. Os astrólogos culpam os astros. E a comunidade científica atribui a causa ao aquecimento global provocado pela agressão que o próprio ser humano inflige à Terra.

“Aquecimento global” é uma expressão relativamente nova. É usada para explicar o aumento da temperatura do planeta. Está cientificamente comprovado que a Terra vem se aquecendo nas últimas décadas. O processo se iniciou no começo da chamada Revolução Industrial, quando se passou a dar mais importância à produção do que à qualidade de vida do ser humano.

Os gases tóxicos que os especialistas chamam de “efeito estufa”, provenientes das fábricas, dos veículos, da queima de florestas e de tantas outras atividades industriais e humanas, têm destruído a camada protetora de ozônio, a ponto de permitir que os raios solares cheguem à Terra com maior intensidade. Como consequência, a temperatura do planeta aumenta. Quando isso acontece, as regiões glaciais se descongelam e o nível do mar sobe.⁹

Desde 1961, o mar vem subindo 0,8 milímetro por ano. O IPCC calcula que, se a temperatura continuar aumentando no ritmo das últimas décadas, o mar terá subido 61 metros até 2050. Isso é espantoso, se levarmos em conta que um aumento de apenas 6 metros seria suficiente para submergir as principais cidades costeiras do mundo.¹⁰

Pior. Seis dos sete anos mais quentes, desde que existem registros, ocorreram a partir de 2001. O hemisfério norte já perdeu uns 5% de neve desde 1966.¹¹

Quando eu era criança e viajava de Lima a Jauja, cidade onde nasci, no Peru, eu contemplava, encantado, a paisagem das montanhas de Tíclio, cobertas de neve eterna. Ao passar pelo ponto ferroviário mais alto do mundo, eu ficava fascinado ao observar os lençóis brancos que cobriam os montes. Na última vez que andei por essa região dos Andes, senti uma dor no coração. Vi as montanhas devastadas e a natureza agonizando. Ouvia um gemido triste, provocado pelo vento frio que soprava das montanhas. Ou seja, os informes científicos são reais. Temos a impressão de que o fenômeno não nos afeta porque nos encontramos longe desses lugares. Mas isso não muda a realidade.

É inegável que o planeta está mais quente, e o homem tem boa parte da culpa. A comunidade científica considera esse aumento de temperatura inevitável. O nível do mar continuaria subindo pelo menos durante um século, mesmo se amanhã fosse eliminada por completo a emissão de gases do efeito estufa.

Ao tomar consciência desse perigo, o mundo volta sua atenção ao controle do meio ambiente. A ecologia se transformou em uma espécie de religião. A ecologia socialista acusa o capitalismo selvagem de ser o culpado. Todos os setores – desde o jardim de infância até as universidades, passando por associações comunitárias e clubes sociais – estão interessados em cuidar melhor do planeta. Mas as coisas não melhoram. A Bíblia diz que irão de mal a pior e que tudo é parte dos sinais que anunciam a segunda vinda de Jesus.

Al Gore, ex-candidato a presidente dos Estados Unidos, recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 2007 por seu documentário “A Terra em Balanço” [Earth in the Balance], que a ONU considerou “um esforço para disseminar uma advertência ao mundo sobre as mudanças climáticas causadas pelo homem”.¹² Isso mostra a preocupação humana para salvar o planeta, mas mostra também a incapacidade do homem para ver o que realmente está por vir.

A Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos apóia a posição de Al Gore. Sami Solanki, diretor do Instituto Max Planck para a investigação

do sistema solar, em Gottingen, Alemanha, disse que nos últimos 60 anos, além das agressões do ser humano à natureza, o Sol tem se aquecido por motivos inexplicáveis e isso também está contribuindo para o aquecimento do clima e o conseqüente aumento das catástrofes naturais.¹³

Motivos inexplicáveis? Muitos séculos atrás, Jesus já havia anunciado o que sobreviria à Terra pouco antes de Sua vinda. “Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; sobre a Terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas; haverá homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes dos céus serão abalados” (Lucas 21:25, 26). Tudo está se cumprindo como Jesus predisse.

“Angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar.” Não lhe dá a impressão de que o Senhor Jesus está descrevendo nosso tempo, nossos medos e nossos dias? Entretanto, é necessário ter cuidado para não confundir as coisas. O fato de ver todas essas catástrofes naturais não quer dizer que Deus está provocando tudo isso. Ele mesmo explica a natureza de Sua relação com o ser humano: “Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais” (Jeremias 29:11).

Essa é uma boa notícia. Deus não permitirá que o homem destrua a si mesmo. Ele ama o ser humano. Vai intervir na história e colocar um ponto final aos desatinos da criatura. Se isso é verdade e a ciência não prognostica muito futuro ao planeta, não significa que o dia glorioso da vinda de Cristo já desponta no horizonte?

Tem mais. Marcos registra as palavras de Jesus com respeito às catástrofes finais da seguinte maneira: “Mas, naqueles dias, após a referida tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados” (Marcos 13:24, 25). Esses sinais que afetam o Sol, a Lua e as estrelas tiveram um cumprimento parcial no passado. Num momento da história houve um dia em que o Sol se escureceu, a Lua ficou vermelha como sangue e as estrelas caíram. Mas no futuro, pouco antes do aparecimento glorioso de Jesus,

esses fenômenos voltarão a acontecer de maneira completa. Com relação ao passado, a história registra o seguinte:

“O dia 19 de maio de 1780 aparece como a grande descrição do Dia Escuro, que se estendeu por toda a Nova Inglaterra. Nesse lugar do mundo não se podia ver nem sequer um ponto de escritura comum à luz do dia. As aves entoaram seu canto vespertino e desapareceram, e tudo ficou em silêncio. As aves e o gado foram para os abrigos; em todas as casas se acenderam velas. A escuridão começou às dez da manhã e continuou até a meia-noite do dia seguinte, mas com intensidade distinta em diferentes lugares. [...] Por vários dias antes do escurecimento o vento havia soprado de diversos lugares, mas vinha mais intenso do sudoeste para o noroeste. Não se conhece a verdadeira causa desse fenômeno notável.”¹⁴

Há outro testemunho: “Por vários dias a atmosfera se manteve marcadamente como de um vapor de fumaça, de modo que o Sol podia ser olhado a olho nu, sem problema algum. [...] O disco da Lua, através da noite da terça, quarta e quinta-feira, tinha cor de cobre, dando uma aparência de que estava totalmente eclipsado.”¹⁵

Cinco décadas depois, cumpriu-se outra das previsões de Cristo, como parte dos sinais de Sua segunda vinda. A história registra esse evento da seguinte forma: “Para entender melhor a frase ‘chuva de meteoros’ em conexão com a queda de estrelas, devemos recorrer à história, à manhã de 13 de novembro de 1833, quando todos os habitantes deste continente viram a cena mais espetacular que a natureza pôde produzir na noite. Essa foi, em realidade, uma chuva de meteoros, ou estrelas cadentes, em todo o sentido da palavra. Por quase quatro horas o céu foi literalmente iluminado. [...] Os cientistas afirmam que somente sobre os Estados Unidos e Canadá apareceram mais de um bilhão de estrelas cadentes.”¹⁶

Isso foi apenas um cumprimento parcial dos sinais, pois essa profecia de Jesus relacionada com estranhos fenômenos no Sol, na Lua e nas estrelas terá um cumprimento total e final pouco antes da vinda de Jesus. Isso pode parecer inverossímil, mas está registrado na Palavra de Deus; e se tudo se cumpriu até aqui, por que esta parte também não se cumpriria?

Apesar disso, você não precisa se apavorar. O amor de Deus pode encher seu coração de esperança. A esperança do cristão é segurança, certeza e confiança, mesmo quando, aparentemente, não há saída.

Aconteceu há muitos anos. Meu filho de seis anos havia se perdido no centro de uma cidade de mais de dois milhões de habitantes. Minha esposa e eu corríamos desesperados, de um lugar para outro, procurando encontrá-lo. Acabávamos de chegar ao Brasil e não sabíamos nos comunicar bem em português. Chorávamos desesperados. O que fazer? Aonde ir? O menino havia desaparecido por completo. Encontrá-lo em meio a tanta gente seria como encontrar uma agulha num palheiro.

Ao ver nosso desespero, um guarda nos disse:

– A polícia já está procurando seu filho. Se ainda estiver aqui no centro, vamos encontrá-lo quando o comércio fechar.

Assim foi. Às seis da tarde a quantidade de pessoas no agitado centro começou a diminuir. As lojas fecharam as portas. Os trabalhadores voltaram a suas casas, depois de uma longa jornada, as ruas começaram a ficar semidesertas; as sombras da noite passaram a envolver a cidade com um lençol negro. Soprava um vento frio de junho.

Continuávamos procurando, angustiados, e para nossa alegria o encontramos. Ele estava ali, sentado sobre um caixote abandonado, brincando com uma pedrinha, alheio ao sofrimento dos pais. Ali estava, em sua inocência, seguro. Emocionados, o abraçamos e o cobrimos de beijos. Mais tarde, em casa, perguntei-lhe:

– Você não estava com medo?

– Medo? Por quê? – perguntou com ingenuidade.

– Quando as crianças se perdem, sentem medo – eu lhe disse.

Ele arregalou os olhos, surpreso, e me assegurou com firmeza:

– Eu não estava perdido; só estava esperando. O senhor não ia me buscar?

Olhe à sua volta. Você vê a noite escura dos desastres naturais? Há frios e sombras. Terremotos, furacões e tempestades que enchem de pavor. Os prognósticos da ciência são apavorantes. Em meio a essa

expectativa de presságios tenebrosos, eu queria que você soubesse que Jesus já vem para lhe buscar. Você não está perdido. Há esperança. A aurora do dia eterno já desponta. Enquanto o dia amanhece, leia a promessa que Deus lhe faz: “Quando passares pelas águas, Eu serei contigo; quando, pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti” (Isaiás 43:2).

A resposta é só sua.

Uma sociedade sem coração

“Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão [...] desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis” (2 Timóteo 3:1-3).

“E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos” (Mateus 24:12).

Cena um. Meia-noite. O casal descansa alheio a qualquer perigo. Uma garota entra no quarto nas pontas dos pés, para não fazer barulho. Comprova que os donos da casa dormem, desliga o sistema de alarme e acende a luz do corredor externo, para facilitar a entrada de outros dois jovens. Antes que cheguem, a jovem busca luvas de plástico e meias femininas para proteger as mãos e os rostos. Minutos depois entram no quarto e matam o homem e a esposa a pauladas. Os dois jovens agridem o casal. A garota observa tudo sem mostrar a mínima emoção. Uma vez concretizado o crime, ela e um dos garotos, que é seu namorado, vão a um motel para forjar um álibi.

Às três da manhã, a filha mais velha do casal assassinado dirige seu carro a alta velocidade. Esteve na rua e, antes de voltar para casa, busca seu irmão mais novo, que se encontra em um local de jogos eletrônicos. Ao chegar, encontram a cena de horror e sangue: os pais assassinados

com crueldade e violência. A filha se desespera e amaldiçoa as pessoas que foram capazes de cometer semelhante brutalidade. No dia seguinte, no enterro, chora desconsoladamente e quase desmaia.

Alguns dias depois, a polícia descobre os assassinos. Quem arquitetou o plano sinistro foi a própria filha das vítimas. Sim, a garota que, no cemitério, chorava desamparada o dia do enterro de seus pais.¹

Episódio de algum filme de terror? Não. Realidade pura. Aconteceu em uma grande cidade e a notícia deu a volta ao mundo. O que aconteceu na mente de uma jovem de 18 anos para cometer um ato tão horrendo? Ninguém pode explicar. Entretanto, as Sagradas Escrituras dizem que nos dias finais haveria indivíduos “desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis” (2 Timóteo 3:2, 3).

Cena dois. Enquanto o mundo inteiro desperta do pesadelo e volta seus olhos solidários para os povos afetados pelo devastador tsunami de 2004, a polícia descobre um grupo organizado que procurava crianças órfãs para induzi-las à prostituição, ou para roubar-lhes órgãos para comercializar.² A opinião pública sente náuseas. Hienas humanas aproveitam a dor alheia para se beneficiar. Alguém pode perder o último resquício de comisseração? Os fatos, transformados em notícia, dizem que sim.

Enquanto almoço com um amigo, comentamos o ocorrido. Com os olhos cheios de lágrimas, emocionado, quase instintivamente ele me diz:

– Eu mataria esses selvagens; são uns animais, não merecem viver.

Imediatamente, envergonhado, fica vermelho e se justifica:

– Desculpe, me esqueci que sou cristão; não poderia nunca pensar dessa forma.

Sem se dar conta, ele está cumprindo outra profecia para os últimos tempos. Jesus já havia dito: “E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos” (Mateus 24:12).

Cena três. Uma pacata cidade do interior. A noite está mais escura que nunca. Chove muito. Joaquim e sua esposa estão voltando de um casamento. Foram padrinhos e estão com roupas de gala. Conversam felizes, lembrando os momentos agradáveis de sua própria festa de casamento.

Os anos passaram e eles se amam mais do que nunca. Deus lhes deu dois filhos preciosos, que naquela noite ficaram em casa com a babá.

A animada conversa dos esposos é interrompida por algo inesperado naquela hora da madrugada. Na estrada deserta, há um casal em dificuldades, que pede socorro. Aparentemente, o carro deles está quebrado e necessitam de auxílio. Apesar da chuva, Joaquim e sua esposa decidem ajudar. Seu erro fatal! Em poucos minutos Joaquim está morto, com o rosto desfigurado por um tiro de escopeta. Solange, violentada e agonizante, demorará anos para se recuperar, e os dois pequenos filhos, órfãos de pai em tenra idade, jamais entenderão por que um ato de solidariedade recebeu a morte como retribuição. Os delinquentes nunca foram descobertos. Você teria coragem de parar em uma estrada para auxiliar alguém depois de conhecer uma história como esta?

Os tempos em que vivemos são perigosos. O apóstolo Paulo disse que nos últimos tempos haveria homens “cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados”. Todo mundo tem medo de todo mundo. Ninguém confia em mais ninguém. As cidades grandes e também as pequenas estão cheias de grupos de bandidos em cada esquina. Os fortes tiram proveito dos fracos. As metrópoles se transformaram em verdadeiras selvas. As feras são os próprios seres humanos.

O amor de quase todos está se esfriando. Você vê um garoto pobre, pedindo esmola e, logo adiante, constata os exploradores dessa criatura esperando o lucro diário. Você se sente ridículo. Seus sentimentos de ajuda aos desvalidos vão pelos ares. Sente-se enganado e ferido em seu íntimo. Promete para si mesmo nunca mais fazer papel de bobo.

Você está na porta de sua casa. Uma mulher com uma criança no colo e aspecto cansado lhe pede um copo de água. Seu coração é motivado a ajudar. Vai até a cozinha buscar a água e, quando volta, a desconhecida sumiu. Desapareceu levando seu aparelho de som portátil que estava na sala.

Dá vontade de ajudar as pessoas? Seu espírito cristão o motiva a fazê-lo? Apesar das frustrações e dos enganos, você continua ajudando, mas a

maioria das pessoas pensa duas vezes antes de estender a mão. O amor de muitos está se esfriando. Jesus já havia dito. A maldade teria um aumento progressivo e diminuiria o número de pessoas solidárias.

Por que o ser humano age dessa maneira? Existe um vazio no seu coração. A incoerência de seu estranho modo de agir não é entendida nem por ele mesmo. Ele não pode explicar. Só sabe que almeja algo e, em sua corrida enlouquecida procurando encontrar o sentido das coisas, fere a si mesmo e machuca as outras pessoas, sem se importar se elas, muitas vezes, são as pessoas a quem mais ama.

No dia em que escrevo esta página, a polícia, advertida por uma denúncia anônima, arrombou a porta de um apartamento localizado na parte mais cara de uma grande cidade e encontrou um quadro capaz de comover os sentimentos até da pessoa mais dura. Uma menina de apenas doze anos, amarrada na área de serviço, tinha os dois braços levantados e amarrados a uma escada de ferro. Seus pés quase não alcançavam o chão. A boca estava amordaçada com um pedaço de gaze molhado em pimenta; oito dedos das mãos haviam sido quebrados, e a maioria das unhas arrancadas. “Comecei a tremer tanto que tive dificuldade para desamarrá-la”, confessa um duro policial, acostumado a ver cenas de horror. O que faz desse episódio o extremo da barbárie é que a autora da violência familiar era a mãe adotiva da menina.³

É comum. Você pode ver todos os dias, em todos os países. Há maldade. Violência extrema. Abuso. Até no próprio lar.

Alan Weisman, em seu novo livro, *O Mundo Sem Nós*,⁴ imagina como seria o planeta sem os seres humanos. Talvez fosse melhor. Creio que a raça humana está perdida nas sombras de seu afastamento de Deus. Não há outra explicação. A declaração de Hobbes nunca foi tão relevante: o homem é o lobo do homem.

Na madrugada de uma quinta-feira de junho, Sirlei, uma empregada doméstica pobre e lutadora, que vive com um salário mínimo, espera o ônibus que a levará a um posto de saúde. Precisa chegar cedo para conseguir um bom lugar na fila. Olha o relógio várias vezes, com impaciência.

O ônibus demora. A poucos metros de distância, as ondas do mar arrebatam ruidosamente, como se anunciassem uma tragédia. Sirlei pensa no filho pequeno, de três anos, que ficou em casa. Ele é a razão de todos os seus esforços.

Repentinamente, seus pensamentos são interrompidos com violência. Uma pancada seca na sua nuca a derruba. Depois, sente um pontapé em seu rosto. Instintivamente, procura se proteger com os braços. É inútil. Uma saraivada de socos e pontapés lhe chega de todos os lados. Seu instinto de mãe a faz pensar em seu filho. Não entende o que está acontecendo. Ninguém poderia. Até hoje a sociedade se esforça por entender por que cinco jovens universitários, de classe média, sentem prazer em massacarar uma mulher indefesa.

A polícia os prendeu cinco dias depois. Os pais dos delinquentes argumentaram que eles só queriam se divertir. Sirlei não foi assassinada porque uma prostituta que andava por ali de madrugada começou a gritar pedindo socorro.⁵

Por que o homem não é feliz? O que lhe falta? O que ele tanto busca e não encontra? O ser humano de nosso tempo é um ser permanentemente desesperado. Pode negar, argumentar, discutir, gritar com o peito aberto, mas é um ser insatisfeito. Nada do que consegue é suficiente. Então, se perde no emaranhado de seus desejos, chega ao caos e se afunda na areia movediça de seus desvarios, e sofre.

O abuso do consumo de drogas é absurdo. Gastam-se 150 bilhões de dólares nesse consumo por ano. Trata-se de uma das indústrias mais rentáveis depois da indústria do petróleo. Se acrescentarmos os 204 bilhões do cigarro e 252 bilhões do álcool, você pode fazer uma idéia da completa inversão de valores de nossa sociedade.⁶

Acredita-se na “necessidade” de estudar a legalização das drogas para reverter radicalmente o presente quadro de corrupção policial e outros crimes associados ao tráfico e consumo de drogas.⁷

Ao mencionar essa classe de pessoas como um sinal dos eventos finais na Terra, Jesus não as estava condenando a serem assim; simplesmente as

estava descrevendo. Os jovens que cometeram aquela atrocidade escolheram, voluntariamente, o caminho da perversidade. Decidiram ser violentos e tratar seu semelhante de modo pior do que a um animal. Não havia motivos para fazê-lo. Não queriam roubar. Tinham dinheiro. Um deles acabava de passar seis meses na Austrália praticando *surf* com o pretexto de aprender inglês.

Um sociólogo procurou explicar a conduta desses delinquentes juvenis como um produto da cultura da impunidade que a sociedade experimenta. Mas a verdade é outra. Como disse o profeta Jeremias: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jeremias 17:9).

O problema do ser humano é seu louco e descontrolado coração. É violento por natureza. É mau, enganador e traiçoeiro. É perverso, sangüinário e cruel. A educação pode camuflar seu comportamento. Pode ensiná-lo a mascarar suas intenções. Pode levá-lo a vestir camisa branca, terno e gravata, mas não pode transformar seu coração. Continuará sendo desonesto e egoísta, mas sofisticado. Por trás dos discursos inflamados em favor da paz, promoverá a guerra. Cinco dos países que mais lucram com a venda de armas fazem parte do Conselho de Segurança da ONU.⁸

Só Jesus é capaz de transformar o coração. E Ele não trabalha por fora. Sua obra começa dentro, onde estão as raízes. “Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne” (Ezequiel 11:19).

Ao longo de minha vida tenho visto a transformação que Jesus pode fazer na vida das pessoas que O aceitam como seu Salvador. Para Jesus, não existem casos impossíveis, nem ninguém que não possa ser recuperado.

Um dia, Jesus chegou a Betânia e encontrou Seu amigo Lázaro morto. Fazia três dias que havia morrido. Suas carnes já estavam entrando em estado de decomposição, e cheirava mal. Ninguém poderia imaginar que haveria remédio para semelhante problema. A ciência não poderia fazer nada, nem o dinheiro, nem a tecnologia, nem qualquer outra coisa. Mas Jesus chegou. E quando Ele chega, também chega a vida, porque Ele é a vida.

A história é muito conhecida. Jesus ordenou: “Lázaro, vem para fora!”

E o cadáver ressuscitou. Tenho visto Jesus fazer os mesmos milagres hoje. Todos os dias, em todos os países onde realizo conferências evangelizadoras. Cadáveres espirituais voltam à vida. Lares destruídos são reconstruídos. Sonhos desvanecidos são convertidos em realidade. Jesus é a vida. E onde Ele entra, só pode haver vida em abundância e plenitude.

Conheci André em uma das cidades mais violentas do mundo. Tinha fama de mau. Havia passado vários anos preso, pagando por seus crimes. E foi na prisão que se encontrou com o Senhor Jesus. Numa noite gelada de inverno, André agonizava. Tremia de frio, quase congelado, esperando a morte. Foi nessas condições que me ouviu pelo rádio de um companheiro de cela. Nessa noite, o Espírito de Deus tocou seu coração. Muitas vezes havia ouvido falar de Jesus, mas acreditava que a religião era coisa de pessoas fracas. Ele sempre havia se considerado um valentão. Armado até os dentes, havia levado dor a muita gente. Era mau e cruel. Tinha escolhido o caminho do crime quando ainda era só um adolescente e culpava a sociedade por não lhe ter dado outra saída para escolher.

Naquela noite, ao sentir a vida por um fio, a morte o assustou. Na quase penumbra de sua agonia, entendeu que Deus o amava e queria lhe dar um novo coração. Suplicou. Clamou a Jesus por uma nova oportunidade e adormeceu.

Na manhã seguinte, viu entrar o sol pela janela. Estava na enfermaria da prisão. Os raios do sol eram insistentes, apesar da forte neblina.

– Eu estava vivo – me disse sem poder esconder a emoção. – Não tinha morrido. Deus estava me dando uma segunda chance.

Já se passaram 30 anos desde aquela noite fria na cela gelada de uma prisão. André é, hoje, um testemunho vivo do poder transformador de Cristo. Está livre e realiza um trabalho extraordinário junto a uma ONG que recupera menores infratores.

O Cristo maravilhoso que chegou à vida de André, em uma hora de agonia, pode entrar em seu coração, se você permitir. Leia o que Jesus diz para você: “Vinde a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei” (Mateus 11:28).

A vida sem Cristo é angustiante. O cansaço de espírito, que as pessoas chamam de depressão, tem se tornado uma epidemia que destrói muitas vidas sem matá-las. Nos últimos tempos, demos um nome mais sofisticado para ela, mas continua sendo a falta de sentido das coisas, o cansaço de estar vivo. E agora Jesus lhe diz: “Venha a Mim.” O Senhor Jesus lhe fala de descanso e paz. Não é isso o que você tanto deseja?

A resposta é só sua.

Uma geração erótizada

“Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contacto natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro” (Romanos 1:26, 27).

Domingo em Amsterdã. O sol como uma bola de fogo, magnífico, no azul infinito do céu. Tulipas coloridas matizam os jardins e enfeitam a festa. Muita gente. Gente alegre e animada. No centro, de mãos entrelaçadas e trocando carícias, o casal relata aos jornalistas os detalhes de seu casamento recente. Os novos esposos declaram que têm planos de adotar um bebê. De vez em quando, trocam olhares apaixonados e sorriem. As câmeras da mídia internacional registram tudo e enviam a notícia por satélite ao mundo inteiro.

O inusitado acontecimento seria algo comum. Não teria nenhum valor jornalístico se o foco das atenções não fosse um casal fora dos padrões normais: dois homens que acabam de sair da igreja depois de receber a “bênção nupcial”.

O fato aconteceu na Holanda, em 2001. Mais tarde se repetiria na Bélgica, Canadá e também em Massachusetts, nos Estados Unidos. A princípio, em muitos países houve protestos em defesa da família, da moral e dos bons costumes. Inúmeras pessoas pensaram que havia chegado o fim do mundo. Hoje, poucos anos depois do que a princípio foi considerado um escândalo e chamou a atenção da imprensa internacional, a união civil de casais homossexuais é legalmente reconhecida na Argentina, Dinamarca, Alemanha, França e Portugal.¹ E, como acontece em todos os aspectos da atividade humana, a moda se transforma em costume, e o costume passa a fazer parte da cultura.

Uma recente “parada gay” (desfile de homossexuais e lésbicas) no Brasil levou 2,5 milhões de pessoas para as ruas.² A cidade de São Paulo nunca havia visto uma mobilização tão grande de pessoas. Parecia um carnaval, alegre e colorido, com carros alegóricos e cartazes reivindicatórios. E o mesmo acontece todos os anos em outras grandes capitais do mundo. Os homossexuais femininos e masculinos que antes se escondiam, hoje não têm nenhum receio de sair para as ruas e protestar juntos e reclamar seus direitos. É justo que o façam. Eles têm direitos, como todo ser humano. Esta não é a questão. O que chama a atenção é a forma dramática com que a profecia bíblica está se cumprindo. O Senhor Jesus havia dito que nos últimos tempos esse tipo de comportamento faria parte da cultura do povo.

Se o assunto se limitasse a pessoas que não têm nada que ver com o cristianismo, seria fácil de entender. Afinal de contas, uma pessoa que não crê no Deus judaico-cristão não tem referências bíblicas de conduta.

Mas a questão não se limita aos incrédulos. Nos círculos cristãos também se levantam vozes para defender a idéia do homossexualismo. Veja, por exemplo, esta citação: “A análise bíblica sensata e inteligente mostra que todas as pessoas, independentemente da raça, gênero e orientação sexual, foram recebidas por Jesus e, portanto, não vejo por que os homossexuais estão errados em sua maneira de ser.”³

Essas palavras são de Mário Ribas, bacharel em Teologia pela

Universidade de Princeton, Estados Unidos, com mestrado em Ciências da Religião e pastor de uma grande igreja evangélica.

O que acontece com o mundo cristão? Por que, de repente, o que a Bíblia considera pecado passa a ser visto como normal e a aceitação da homossexualidade começa a ser chamada “uma expressão da graça de Cristo”? As palavras de Jesus registradas na Bíblia anunciam que nos últimos dias seria assim: “O mesmo aconteceu nos dias de Ló. [...] Assim será no dia em que o Filho do homem Se manifestar.”

Como eram os dias de Ló? A história está registrada no livro de Gênesis. Os habitantes de Sodoma eram tão devassos que tentaram arrombar a porta da casa de Ló para tirar dois hóspedes que estavam em sua casa para praticar sexo com eles. É por isso que os dicionários definem a palavra homossexualidade também como sodomia. Nos dias de Ló, a homossexualidade era moda, e Deus demonstrou Sua discordância com a conduta humana daqueles tempos.⁴ Jesus predisse que os tempos finais seriam como os dias de Ló.

A Bíblia ensina que Deus ama todas as pessoas. Os homossexuais, como qualquer ser humano, são objetos do amor e da misericórdia divinos. Mas Jesus veio ao mundo não só para perdoar o pecador. Veio também para transformá-lo em uma nova criatura.

O apóstolo explica isso de modo simples: “Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, [...] segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, [...] obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivemos, pela dureza do seu coração, os quais, tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza. Mas não foi assim que aprendestes a Cristo. [...] No sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” (Efésios 2:1-3; 4:18-20, 22, 24).

Aqui o apóstolo Paulo fala de transformação. Todos os seres humanos, independentemente de qual seja o seu pecado, precisam passar pelo milagre da conversão. A conversão envolve arrependimento, perdão e abandono da maneira como se vivia no passado. À luz do que o apóstolo diz, é impossível aceitar a idéia, politicamente correta, de que, pelo fato de ser amor, Deus aceita os desvios de conduta do ser humano.

Moisés é categórico ao descrever o caráter perdoador de Deus: “Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoo a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado” (Êxodo 34:6, 7). Culpado, na versão original, não é aquele que alguma vez fez o mal, mas o que insiste em viver dessa maneira.

Evidentemente, a pressão social para aceitar algo que a Bíblia condena é mais um cumprimento dos sinais do fim. A proliferação aberta da sodomia, argumentando que é apenas um “tipo diferente de orientação sexual”, é uma evidência de que vivemos nos últimos tempos.

Há alguns anos o Museu Natural de Oslo apresentou uma exposição sobre a homossexualidade no mundo animal.⁵ Os expositores argumentavam que a homossexualidade existe entre os animais, e não há nada mais natural que eles. Logo, o desvio sexual também é natural e, se é natural, não pode ser pecado.

O dicionário define a palavra natural como o que é feito de acordo com a propriedade das coisas. A palavra básica é “propriedade, normalidade”. É normal comer pela boca, mas, se eu desejo, posso tentar comer pelos ouvidos. Sou livre para fazê-lo, mas não posso pretender que as pessoas aceitem minha atitude como algo natural, normal ou próprio.

Nossa geração perdeu o sentido de sua própria natureza. Vive quase em função do prazer físico. Gasta, anualmente, a fabulosa soma de 13 bilhões de dólares com pornografia, só nos Estados Unidos.⁶ É difícil acessar o computador sem que apareça uma chamada para a pornografia. Escreve-se, compõe-se e se produz tendo, inúmeras vezes, o sexo como tema central. Quase não se encontra uma propaganda que não apele ao sexo

para vender seu produto. O ser humano iniciou uma corrida desenfreada na busca do sentido para sua vida sexual. Nada o satisfaz. Nessa busca louca, muitas vezes cai na perversão e na depravação. Tudo porque desconhece a essência de seu próprio ser.

Que significa isso? Que a natureza humana é de um ser físico, mental e espiritual, que não pode ser dividido. Para que suas realizações na vida tenham sentido, é necessário fazê-las com a unidade completa de seu ser. Dividir-se é fatal. Se você tentar, abre feridas profundas em seu mundo inconsciente. Feridas que seu racionalismo não pode curar. Por mais que repita a si mesmo que isso é correto, que o que faz é bom desde que não cause mal a ninguém, e que sua vida íntima é um assunto de escolha pessoal ou de preferência, a realidade é outra. Sua natureza de ser humano, com faculdades físicas, mentais e espirituais, não o aceita.

Talvez, sua dimensão física possa aceitar; também o seu aspecto mental pode aceitar, convencido por seus próprios argumentos; mas seu âmbito espiritual não o aceita. Protesta com o grito desesperado de seu coração, chamado culpa. O ser humano pode mudar todas as regras que quiser, modificar todos os princípios de comportamento. Pode jogar por terra tudo o que chama “convenções sociais e obsoletas”, mas nunca eliminará a consciência de culpa que o incomoda cada vez que faz algo que sua natureza espiritual não aceita.

– Eu não sou espiritual – me disse um homem que eu visitava em uma prisão.

Ele estava ali como resultado de uma vida sem restrições. Não o sabia, mas era sim espiritual. De outro modo, não teria insistido tanto para que eu fosse visitá-lo.

O problema do homem dos dias de hoje é que não se reconhece como um ser espiritual. Entretanto, o fato de que não o aceita não muda a realidade. A espiritualidade de seu ser não depende dele. Está acima de seu controle. Um dia, saiu das mãos do Criador, e só será completo vivendo em harmonia com Ele e respeitando a unidade de seu ser.

Vejamos um exemplo. Pegue um passarinho e o coloque em uma

gaiola de ouro adornada de diamantes. Abasteça a gaiola com alimento, água e, se desejar, acrescente um sistema de ar-condicionado que se adapte às suas necessidades. Você acredita que ele vai ser feliz algum dia? Jamais. Sua natureza é de passarinho. Nasceu para voar. É verdade que necessita de água e comida, mas o que o torna feliz é sua liberdade.

Sabe o que aconteceu com o ser humano? Pensa que é livre porque pode fazer o que quer, mas vive prisioneiro do prazer. O Dr. Mário Veloso, poeta, escritor e um amigo, afirma que para viver não é suficiente a liberdade formal. Um país ou um governo garante a liberdade do corpo, não a da alma.

A angústia do homem que vive nos países de regime totalitário, onde não há liberdade, é a mesma das pessoas que vivem em lugares onde há plena liberdade. Por quê? Porque o homem é psicologicamente prisioneiro de seus complexos, tendências, egoísmo, ambições, invejas, vícios e tudo o que constitui o lado escuro da psicologia humana.⁷

Um ser cativo não pode ser feliz. Usa a vida para o prazer. Manifesta seus ressentimentos usando a violência. Desfruta a imoralidade. Falsifica a vida. Cria filosofias alienadoras. Enfim, cada ser humano que ignora sua dimensão espiritual constrói as grades de sua própria prisão. Por incrível que pareça, as coisas que mais aprisionam o ser humano, de acordo com Veloso, são a obscenidade, a pornografia, a violência e a homossexualidade.

O autor David Levy publicou seu livro *Love and Sex With Robots* [*Amor e Sexo com Robôs*]. Depois de pesquisar sobre as possíveis relações de humanos com robôs, o autor chega à conclusão de que para as pessoas que não conseguem estabelecer relações satisfatórias com outros seres humanos existe a possibilidade de estabelecer esse tipo de relações com as máquinas. Não é piada.⁸

A intenção de Levy pode ser boa; mas, para que o sexo seja uma fonte de satisfação plena e faça do ser humano uma pessoa feliz, precisa ser um ato físico, mental e espiritual. Se o sexo é só um ato físico, é frustrante, e deixa o sabor amargo do vazio e da insatisfação.

Então, o que faz o homem para atender ao clamor de seu coração

carente? Mergulha de cabeça em todo tipo de perversões e depravações. Cai no terreno da pedofilia, da zoofilia, do sadomasoquismo, do homossexualismo e de todo tipo de desvio de conduta.

E, por causa disso, a Bíblia diz que Deus os entregou “a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro” (Romanos 1:26, 27).

De que punição fala o apóstolo? De todas as pragas e enfermidades que flagelam o mundo moderno. Um estudo realizado pelo Center for Disease Control and Prevention (CDC), dos Estados Unidos, mostra que 19 milhões de norte-americanos são contagiados por ano com doenças sexualmente transmissíveis e mais de 65 milhões vivem permanentemente com este tipo de enfermidades.⁹ A Aids vem dizimando a humanidade. Na atualidade, 43 milhões de pessoas vivem com o HIV no mundo. Somente em 2007, 4,8 milhões de pessoas foram contaminadas. Pior, a cada dia, dois mil bebês são contagiados no ventre de suas mães.¹⁰

Tudo isso foi anunciado pela Bíblia como evidência de que estamos vivendo no fim dos tempos. Jesus declarou: “Aprendeí, pois, a parábola da figueira: Quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão. Assim também vós: Quando virdes todas estas coisas, sabeí que está próximo, às portas” (Mateus 24:32, 33).

Era o entardecer de um dia triste. Triste para ela. Sua vida havia chegado ao fim. Seus sonhos haviam morrido. Os homens a condenavam. Havia sido encontrada em flagrante pecado e não tinha salvação. Sua vida estava cheia de desatinos. Amou da maneira errada. Procurou ser amada, e só foi usada. Buscou ser feliz à sua maneira, e tudo o que havia conseguido foi abrir feridas profundas que ninguém podia curar.

O que faz uma pessoa quando vê que errou e merece ser castigada por isso? Repete o que estava fazendo, para que a dor que crê merecer aumente. Ela havia escolhido esse caminho. Um caminho infeliz que a

levou ao fundo do poço. Um caminho doloroso que acabou com sua vontade de viver. Seus valores se haviam diluído, suas virtudes se haviam desintegrado. Sentia-se um lixo. Sabia que devia mudar o rumo de sua vida, mas não tinha forças e se desesperava em sua solidão.

Foi então que os homens a descobriram e a arrastaram até Jesus. Havia sido encontrada em pecado e merecia ser apedrejada. A lei dos homens era implacável. Não perdoava.

Ali estava ela. Seu passado, horrível. Seu presente, deplorável. Futuro, não tinha. Ali estava ela, destruída, repudiada, acabada. Ali estava ela, com o peso da culpa asfixiando-a, ferindo-a, atormentando-a. Ela, a pecadora, a perdida, a má.

Então, apareceu a pessoa maravilhosa de Jesus. Graças a Deus, Ele sempre aparece. Quando mais você necessita. Quando você não sabe o que fazer nem para onde ir. Graças a Deus, Ele sempre nos busca, nos chama, nos espera.

O Mestre da Galiléia, em silêncio, começou a escrever na areia. Um a um, os acusadores da pobre mulher desapareceram. Ouviu-se novamente a voz de Cristo:

– O que estiver sem pecado que atire a primeira pedra.

Ninguém se atreveu a fazê-lo. As ruas estavam desertas.

– Onde estão os que a condenam? – perguntou Jesus.

– Todos se foram – respondeu a mulher.

Ela não tinha coragem sequer de levantar os olhos.

– Eu também não a condeno – lhe disse o Senhor. – Vá e não peque mais.

Já se passaram mais de 20 séculos desde que essa história aconteceu. A doce voz do Mestre continua ecoando nas paredes do tempo e chegando até você. Sua promessa é: “Eu posso refazer sua vida se você Me entregar seu coração.”

Que convite mais terno. Você não acredita nisso? Que fará com esse chamado?

A resposta é só sua.

Crise econômica

“Atendei, agora, ricos, chorai lamentando, por causa das vossas desventuras, que vos sobrevirão. [...] Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos e que por vós foi retido com fraude está chamando” (Tiago 5:1, 4).

A cidade de São Paulo estava belíssima naquela noite. Parecia uma dama vestida para uma ocasião especial. Infinidades de luzes enfeitavam sua silhueta. Dava a impressão de um pequeno universo repleto de vaga-lumes. Do terraço do Edifício Itália a visão da cidade era fascinante e encantadora.

Entrei no restaurante e olhei para todos os lados. O recepcionista, um loiro alto e de gestos mecânicos, artificiais, perguntou como se me conhecesse:

– Senhor Bullón?

Assenti com um sorriso e ele me conduziu a uma mesa discreta no fundo. O homem que eu procurava estava ali, esperando por mim. Levantou-se e nos cumprimentamos e, depois de uma curta conversa trivial, ele foi ao ponto.

– O senhor sabe que eu tenho dinheiro – disse, dono da situação.
– Posso comprar o que eu quiser; viajar para qualquer parte do mundo,

realizar o sonho que desejar; mas, quando chega a noite, não consigo dormir. Sinto como se estivesse em dívida com alguém. Há noites que passo as horas acordado até o amanhecer. Diga-me o que falta para mim, mas, por favor, não me peça que me torne membro de sua igreja nem me fale de Jesus.

Surpreendeu-me a postura existencial desse gigante homem de negócios. Estava ali, diante de mim, desprotegido, quase suplicando ajuda, mas não queria que eu lhe falasse de Jesus.

– O senhor sabe que eu sou um ministro do evangelho – afirmei.

– Sim – respondeu –, mas os ministros não podem falar de outra coisa que não seja de religião?

– Claro que podemos – disse-lhe. – Eu poderia falar da bolsa de valores ou do câmbio atual do dólar, poderia conversar com o senhor sobre esportes, ou sobre a cultura dos países que visitei, mas o senhor acaba de me fazer uma pergunta específica. Quer saber o que lhe falta e, com toda certeza, não lhe faltam ações na Bolsa de Valores, nem dólares, nem cultura. O que lhe falta é um sentido espiritual para sua vida, mas o senhor não quer que eu lhe fale de Jesus. Que posso fazer? Se eu lhe dissesse que a solução para o seu problema está na Índia e que vai lhe custar um milhão de dólares, creio que o senhor não vacilaria um minuto em pedir que lhe preparem seu próprio avião, com seu piloto, para viajar imediatamente em busca da ansiada solução. Estou enganado?

O homem piscou várias vezes, tomou um pouco de água e não soube o que dizer. Estava consciente do vazio que sentia. Algo andava mal em sua vida. No início de sua carreira, ainda jovem, cheio de sonhos e ambições, acreditava que precisava de dinheiro para ser feliz. Concentrou todos os seus esforços para consegui-lo, e havia alcançado seu objetivo. Era milionário e devia estar satisfeito, mas não estava; sentia-se angustiado e não podia identificar a causa. Buscava ajuda, mas não queria saber nada de Deus.

Conversamos mais um pouco, e depois nos despedimos sem chegar a nenhuma conclusão. Ele era mais um retrato do homem moderno. Havia feito do dinheiro um Deus; mas, apesar do dinheiro, continuava angustiado. Buscava um sentido para sua existência.

Dinheiro, dinheiro! “Poderoso cavalheiro é dom dinheiro”, reza um antigo provérbio. E as pessoas, desde tempos imemoriais, entregaram-se de corpo e alma nessa busca incansável de dinheiro.

“O dinheiro é a alavanca que move o mundo”, repetiam os aventureiros em busca do ouro, enquanto arriscavam a vida na selva do Amazonas, atrás do cobiçado metal.

O tempo passou e a corrida desenfreada em busca de dinheiro se transformou na cultura de nossos dias. Por ele vidas são destruídas, consciências são corrompidas e governos derrubados. Por sua causa se aniquilam valores e se deterioram princípios. As pessoas pensam que se tivessem dinheiro seriam mais felizes, e não medem esforços nem tempo para consegui-lo.

Não é o caso do homem que falou comigo naquela noite. Mas muitos, na desesperada tentativa de preencher o vazio que o dinheiro não consegue preencher, caem no terreno da ambição: a idolatria do dinheiro.

O avaro ambicioso vive só para juntar. Não usa o que ganha. Perde a noção da realidade. Acumula riquezas que não lhe servem. Tem medo de gastar, de ficar pobre; e, em sua alucinante busca de segurança, se perde nos meandros da cobiça e até da desonestidade. Quer tudo para si. Nada é suficiente. Ninguém é importante para ele, a não ser sua própria pessoa. O apóstolo Paulo descreve esse tipo de pessoas como outro dos sinais dos últimos dias: “Os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes” (2 Timóteo 3:2).

É verdade que pessoas avarentas sempre existiram. Mas nunca como hoje a riqueza esteve concentrada nas mãos de poucos e nunca, como em nossos dias, o capitalismo se tornou tão selvagem e voraz, a ponto de levar muita gente a um estado de extrema exploração, miséria e desespero.

O desejo de acumular riqueza faz o ser humano perder a ordem de valores. As coisas chegam a valer mais que as pessoas. Não se medem as conseqüências. Simplesmente se corre atrás da posse do dinheiro, seja como for. O rico quer ser cada vez mais rico. Mente, explora, extorque, corrompe e é corrompido, sem se importar com os demais. Esse tipo de

pessoa se encontra em todos os campos da atividade humana: nas empresas, nos governos e até nas igrejas.

Quem sofre é sempre o fraco e desprotegido. Cada dia tem menos oportunidades e mais pobreza. Chega a não ter o que comer. Uma evidência de que a volta de Cristo está próxima é justamente a situação de exagerada riqueza para poucos e extrema pobreza para muitos.

De acordo com o informativo do Projeto contra a Fome, da ONU, a cada segundo morre uma pessoa por causa da fome. O dramático é que 70% dessas vítimas são crianças menores de cinco anos. Elas nascem condenadas à morte. A ambição e o desejo de enriquecimento dos que detêm o poder negam-lhes a oportunidade de viver.¹

Entre os dias 13 e 17 de novembro de 1996 realizou-se em Roma a “Reunião Mundial sobre Alimentação”. Cento e oitenta e cinco países enviaram representantes. Eles se propuseram a acabar com a fome até o ano 2015. A poucos anos da data-limite, o problema da fome não se reduziu, mas se agravou.²

A maioria das mortes se deve à desnutrição crônica. As famílias simplesmente não conseguem o alimento necessário para a subsistência. As pessoas relegadas a essa situação vivem sem nenhuma qualidade. A FAO (Food and Agriculture Organization) estima que pelo menos 820 milhões de seres humanos passam fome e sofrem de desnutrição no mundo.³

A Bíblia afirma que, nos últimos tempos, o clamor das pessoas sofredoras provocará conflitos sociais terríveis entre o capital e o trabalho. O apóstolo Tiago diz: “Atendei, agora, ricos, chorai lamentando, por causa das vossas desventuras, que vos sobrevirão. As vossas riquezas estão corruptas, e as vossas roupagens, comidas de traça; o vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens, e a sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos. [...] Tesouros acumulastes nos últimos dias. Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos e que por vós foi retido com fraude está clamando” (Tiago 5:1-4).

Um homem explorado e sem Deus é uma arma carregada. O tempo apertará o gatilho. A fome é o estopim da guerra em qualquer lugar do

mundo. A pobreza, as privações e as injustiças que os poderosos cometem contra os menos favorecidos são as causas básicas da amargura e da revolta dos oprimidos. A miséria constante e a opressão prolongada levam o ser humano à asfixia social e ao desespero. O resultado é que essa gente marginal se converte em foco de terrorismo, movimentos violentos de mobilização social e bolsões de delinquência.

Está comprovado que a privação dos recursos mínimos de sobrevivência ocorre com maior frequência em áreas rurais e na periferia das grandes cidades. De cada dez habitantes pobres, algumas com renda inferior a um dólar por dia, sete vivem nesses lugares e são alvos suscetíveis de ser convencidos para se unir às guerrilhas revolucionárias que prometem justiça social, mas que, lamentavelmente, destroem a economia já empobrecida de países subdesenvolvidos. Outros caem na delinquência, no tráfico de drogas e no crime organizado.⁴

Uma análise séria dos conflitos sociais mais intensos e da delinquência de nossos dias revela que, nos países mais pobres e carentes de tudo, as convulsões revolucionárias ou criminosas são o resultado da falta de um programa econômico que permita atender às crescentes demandas da população. As pessoas que durante décadas permaneceram sem oportunidades de melhorar sua vida não agüentam mais e acabam desafiando com violência a autoridade estabelecida.

A maioria dos conflitos sociais que perturbam o mundo moderno tem sua raiz nos sentimentos de frustração, injustiça e desespero que o povo acumula. Se a tudo isso se acrescentarem a desigualdade e a discriminação, como resultado há a luta de classes profetizada na Bíblia como um dos sinais da volta de Cristo.

Para completar o quadro, hoje o povo está cada vez mais consciente da desigualdade e da injustiça. Quase todas as pessoas têm acesso à informação através do rádio, da televisão e de outros meios de comunicação. Esses meios estimulam o consumismo entre os que têm recursos para comprar. Mostram, de forma ostensiva, estilos de vida e produtos que estão longe do alcance da imensa maioria. Como conseqüência dessa

globalização da informação e das comunicações, as disparidades são percebidas mais nitidamente. As classes sociais mais necessitadas se enchem de indignação e de ódio.

Essa consciência das desigualdades faz com que as pessoas se convençam de que o mundo em que vivem é injusto. O conceito conformista de “estar destinado a ser pobre porque o mundo sempre foi assim” não satisfaz o homem atual. Os promotores da violência se aproveitam da situação para conseguir seguidores. Nos últimos anos, proliferou o número de protestos públicos, vandalismo, terrorismo e delinquência porque o povo quer mudar o presente estado de coisas, mas não conhece o evangelho. Ignora que a luta armada não é remédio para o problema.

A luta social continua. É o resultado das injustiças, da ambição e do egoísmo coletivo. Mas não fica aí. Quando o apóstolo Tiago disse que os trabalhadores clamariam pelo salário que não lhes foi pago, também se referia às greves e aos movimentos sindicais.

No momento em que escrevo esta página há greves na Espanha. O país está quase parado porque os motoristas de transportes coletivos exigem melhores salários. A greve se estende a outros setores, alcançando os trabalhadores de serviços funerários e funcionários do Ministério da Justiça.

A Alemanha passou por um caos. Há um tempo, o sindicato alemão Verdi anunciou que continuaria uma greve dos serviços de aeroportos e transporte ferroviário por tempo indeterminado. Na época, as ruas e circuitos da capital alemã registraram numerosos congestionamentos de trânsito.

Nos Estados Unidos, a General Motors anunciou o fechamento de várias de suas filiais e cortes na produção de outras, devido à greve dos trabalhadores de um dos seus principais fornecedores.

O mesmo aconteceu no Brasil. A polícia civil do Rio de Janeiro esteve parada reivindicando melhores condições de trabalho. Na Argentina, o sindicato dos motoristas reivindicou aumento de salários. No Peru, a população saiu às ruas para protestar. E em cinco estados da Bolívia se armaram piquetes que paralisaram o trânsito.

Eu o desafio. Dê uma olhada no noticiário internacional e você comprovará as inúmeras paralisações. Acontecem todos os dias em todos os países do mundo. A luta entre o capital e o trabalho estava anunciada na Bíblia há muito tempo. É um dos sinais da volta de Jesus.

Entretanto, os ricos não gererão apenas por causa das greves. A recessão econômica se aproxima como um fantasma. Os países ricos estão assustados. Os Estados Unidos vivem um dos momentos mais críticos de sua história. O mercado imobiliário está quase parado e leva consigo toda a atividade econômica do país. Há desemprego e famílias devolvem suas casas aos bancos porque não estão em condição de continuar pagando. Em uma medida de emergência para diminuir a crise, a Reserva Federal do país baixou os juros nove vezes consecutivas. O governo e o Congresso procuraram desenvolver um pacote para estimular a economia. O mercado parece um gigante adormecido que tenta se levantar e não consegue.

Diante desse panorama sombrio, muitos norte-americanos se perguntam, angustiados: O que está acontecendo? Poucos sabem que é apenas o princípio das dores. Segundo Isaac Joshua, diretor de Conferências em Ciências Econômicas da Universidade Paris XI, a situação instável das três maiores economias mundiais é um dos aspectos assustadores com relação ao futuro.⁵ A economia japonesa está em recessão, a norte-americana entrando em recessão e a européia, em desaceleração rápida. Nessas condições, a hipótese de uma recessão econômica mundial já não pode ser descartada. É um tsunami financeiro que ameaça destruir tudo o que encontra em seu caminho.

Segundo os especialistas, o panorama presente nos dá as opções de escolher entre uma crise violenta, mas curta, ou outra menos intensa, mas longa. Não há saída. E se isso é realidade para as três maiores economias do mundo, imagine o que aconteceria com as economias dos países em estado de desenvolvimento que, direta ou indiretamente, dependem de economias mais sólidas!

Como sempre ocorre em toda situação de risco, os pobres serão os que mais sofrerão. Dramático? Com toda certeza. Mas eles, pelo menos, estão acostumados a padecer. Lembre-se de que cerca de 800 milhões de pessoas

dormem com fome todos os dias. Pense agora na classe média que, mesmo tendo o que comer, sempre reclama. Pense nos ricos, que não sabem o que é necessidade e se agarram ao dinheiro como sua fonte de segurança. Sem dúvida, serão os que gemerão por causa de suas riquezas, as quais não lhes servirão de nada e se desvanecerão em fração de minutos.

Durante o colapso financeiro que afetou a Bolsa de Valores nos Estados Unidos em 1929, houve milionários que, de um momento para o outro, perderam tudo e se suicidaram. Parecia um pesadelo do qual não despertavam nunca. Perderam todas as suas posses. O dinheiro se evaporou como se fosse água. O país precisou de anos para se livrar do trauma.⁶

O dinheiro é importante, mas quando o ser humano se encontra afastado de Deus vive permanentemente insatisfeito. E se transforma em uma obsessão. Seu coração é como a terra sedenta do deserto. Precisa de água. Mas o homem confunde tudo. Corre atrás do dinheiro e se agarra a ele como se fosse sua única fonte de segurança, sua tábua de salvação. É areia. Pura areia. Areia sem consistência.

Jesus disse: “Todo aquele, pois, que ouve estas Minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha. E todo aquele que ouve estas Minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína” (Mateus 7:24-27).

Vêm tempos perigosos. Tempestades e vendavais financeiros se aproximam da Terra. A Bíblia disse que seria assim. Quando esses tempos chegarem, onde estará edificada sua casa?

A resposta é só sua.

Sinal do fim

*“E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo,
para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim”*

(Mateus 24:14).

A voz da comissária de bordo me despertou. Olhei o relógio. Os ponteiros indicavam seis e cinco da manhã, horário de Londres. Em mais meia hora o avião aterrissaria no aeroporto de Sheremeteyevo, em Moscou. Eu estava chegando à Rússia para dirigir uma campanha de evangelização.

Enquanto olhava pela janelinha, procurando observar a capital russa, vieram à minha mente as dificuldades que as pessoas enfrentaram na antiga União Soviética para estudar a Bíblia e servir a Deus. Não havia liberdade. Quem se atrevesse a pregar as boas-novas de Jesus corria o risco de ir para a prisão. Eram outros tempos. A queda da Cortina de Ferro na Alemanha e a Perestroika de Mikhail Gorbachev abriram definitivamente as portas para que a mensagem do evangelho chegasse a todas as partes do planeta.

Mas ainda existem enormes desafios. Há países em que a mensagem de salvação de Jesus não chegou. Do ponto de vista humano, dá a impressão de que, na atualidade, seria impossível que o evangelho fosse anunciado nesses lugares. Mas, ao olhar para o passado recente, e lembrar que lugares como a Rússia e outros também eram desafios aparentemente impossíveis

de ser alcançados e, hoje, as portas estão abertas, temos a segurança de que não haverá lugar no mundo no qual o evangelho não possa chegar. A igreja avança a passos firmes cumprindo sua missão.

Nos oito dias que passei na Sibéria, vi a fome espiritual das pessoas. Desejavam ardentemente ouvir a mensagem de Deus. A cada noite vi dezenas delas aceitarem Cristo como seu Salvador pessoal. Pude vê-las sendo restauradas pelo poder transformador de Jesus.

O propósito do evangelho é elevar o ser humano caído e restaurar nele a imagem perdida do Criador. As pessoas de todos os tempos e de todos os lugares sempre precisaram do evangelho. Mas, se houve um período da história em que as boas-novas de Jesus deveriam ser pregadas com força, este tempo é hoje. Nunca se viu pessoas tão desesperadas como hoje. Elas estão perdidas nas sombras de seus próprios raciocínios. Nunca, como atualmente, os seres humanos buscaram um sentido para a vida e, entretanto, se desviaram num emaranhado de confusões e desacertos.

Jesus ama essas pessoas e quer salvá-las. Sonha em lhes mostrar o caminho da felicidade. Por isso, deseja alcançá-las e, entre os sinais profetizados para o tempo do fim, incluiu também a pregação do evangelho a todas as criaturas. Ele o havia anunciado enquanto esteve com Seus discípulos: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim” (Mateus 24:14).

Neste exato momento, enquanto você lê estas páginas, milhões de cristãos fervorosos estão pregando as boas-novas do evangelho nos lugares mais longínquos do planeta, de forma pessoal ou pelo rádio, televisão e internet, ou disseminando toneladas de livros e revistas impressos com as verdades bíblicas para o tempo em que vivemos. Milhões batem às portas, reúnem seus amigos em casa para compartilhar com eles as novas de esperança, dirigem pequenas, médias e grandes campanhas evangelizadoras, etc. O sinal que Jesus mencionou como uma evidência de Sua volta está se cumprindo de maneira extraordinária.

Ao longo dos últimos anos, viajei por diferentes países do mundo. Preguei em estádios, templos, salões alugados, cinemas, teatros, ao ar livre, etc.

Pude ver como essa profecia é uma realidade. Vi pessoas sendo batizadas aos milhares, unindo-se à igreja de Deus e expressando seu desejo de se preparar para a volta de Jesus.

Não foi só Jesus que mencionou a pregação do evangelho como um sinal do tempo do fim. João também o fez. Falou desse acontecimento ao descrever o futuro da humanidade no livro de Apocalipse.

Está registrado no capítulo 14 desse livro da seguinte maneira: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apocalipse 14:6, 7).

Observe bem o que diz o texto. O evangelho que o anjo tinha para pregar é eterno. O mesmo Deus e a mesma mensagem. Se em Deus não há mudança, nem sombra de variação, também não há no evangelho. Jesus disse: “Passará o céu e a Terra, porém as Minhas palavras não passarão” (Mateus 24:35). Portanto, o evangelho que o mundo deve ouvir no tempo do fim não é um evangelho modificado nem que mudou no decorrer dos tempos. O evangelho do Éden é o mesmo do Sinai. As boas-novas do Sinai são as mesmas dos tempos de Jesus. O mestre da Galiléia pregou o mesmo evangelho que os apóstolos pregaram. O evangelho do Novo Testamento é o mesmo da Idade Média e é o mesmo de nosso tempo pós-moderno. As boas-novas de que Jesus morreu na cruz do Calvário para salvar a humanidade foram, são e continuarão sendo as mesmas, pelos séculos dos séculos. O evangelho é eterno.

Em que consiste o evangelho? No anúncio da salvação. O centro do evangelho é Cristo. É o que Ele fez, faz e fará pela raça humana. São notícias de perdão e restauração. A humanidade precisa ouvir esse evangelho. Por isso, nos momentos de agonia que o planeta padece, Deus faz aparecer um anjo no meio do céu para pregar essa mensagem com ênfase fora do comum.

Quem é esse anjo? Quem ele representa? Em linguagem profética, um anjo simboliza um mensageiro ou um grupo de mensageiros.¹ Isso quer

dizer que, antes da volta de Cristo, Deus arrumaria um grupo de mensageiros que proclamariam o evangelho eterno a todo o mundo. Profeticamente, esses mensageiros surgiriam depois da perseguição da igreja obediente. Essa perseguição duraria 1.260 anos e terminaria em 1798.²

A profecia diz que esse grupo de mensageiros pregaria com “grande voz”. É uma mensagem clara e sonora. Uma mensagem que às vezes assusta. Uma mensagem politicamente incorreta. Não combina com o modo de pensar da maioria.

A mensagem começa assim: “Temei a Deus e dai-Lhe glória.” Por quê? A razão é que a mensagem deve ser pregada em um tempo em que o ser humano prefere adorar a criatura e não o Criador. Esse é o motivo pelo qual o anjo destaca as obras prodigiosas de Deus. É necessário enfatizar a soberania de Deus como Criador. Deus é infinitamente maior que as coisas que Ele criou. Ele “fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apocalipse 14:7). Portanto, a criatura não pode dirigir sua atenção para as coisas criadas. Deve dirigi-la ao Criador.

Os mensageiros simbolizados pelo anjo requerem a adoração do ser humano ao Deus criador. E justificam essa necessidade dizendo: “é chegada a hora do Seu juízo”. O mundo deve abandonar com urgência seus caminhos de idolatria, e adorar o único e verdadeiro Deus porque chegou a hora do juízo.

De que juízo se fala aqui? Quando os cristãos pensam no julgamento divino, geralmente se projetam em direção ao futuro. Relacionam-no com a vinda de Cristo e a destruição final do mundo. Mas o anjo diz que “é chegada” a hora do juízo. Portanto, não pode ser um assunto do futuro, mas do passado e do presente.

O profeta Daniel descreve esse evento da seguinte maneira: “Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias Se assentou; Sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lâ; o Seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares O serviam, e miríades de miríades estavam diante dEle; assentou-se

o tribunal, e se abriram os livros” (Daniel 7:9, 10). Você percebe? Os livros foram abertos para dar início ao juízo. Profeticamente, isso ocorreu em 1844.³ Como Jesus poderia dar recompensa aos justos, na ocasião da Sua vinda, se não tivesse examinado o caso de cada pessoa?⁴

Falar do juízo causa temor. Pensar nesse tema é incômodo. As pessoas relacionam o juízo com destruição. E, se é destruição, como pode fazer parte do evangelho eterno? O evangelho é “boa-nova”. Não é notícia desagradável; precisa inspirar confiança, e não medo, ao coração das pessoas. Você não acha?⁵

Para entender isso, faça de conta que uma pessoa se apoderou de sua casa. Ambos se dirigem ao tribunal e esperam o veredicto do juiz. Ao chegar o momento do julgamento, quem deve temer? Você, que vai ter de volta o que lhe pertence, ou o homem que se apoderou injustamente do que era seu? Portanto, o juízo é boa-nova para os justos. Para os ímpios é uma notícia que gera medo e desespero.

De acordo com a Bíblia, o juízo é parte do evangelho de salvação. O Senhor Jesus, falando do Espírito Santo, disse: “Quando Ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (João 16:8). Aí estão os componentes da mensagem total do evangelho. Primeiro, eu sou um pecador, e nada do que eu faça por minhas próprias forças pode me livrar da condenação a que meus pecados me submeteram. Segundo, a justiça só vem de Jesus, que morreu na cruz por mim e me oferece gratuitamente Sua graça. Terceiro, se eu não aproveito hoje a maravilhosa graça de Jesus, vou ter que prestar contas da minha decisão no processo judicial que enfrentarei diante do tribunal divino.

A profecia bíblica afirma que em 1844 aconteceram duas coisas importantíssimas no Universo. A primeira aconteceu no Céu. Ali começou o juízo. A segunda aconteceu na Terra. Deus impressionou um grupo de mensageiros para pregar o evangelho eterno, anunciando a hora do juízo e chamando a humanidade para voltar à adoração do Criador.

Esse grupo de mensageiros forma a igreja remanescente, a descendência da mulher de Apocalipse.⁶ A profecia anuncia que há uma igreja

chamada por Deus para dar a última mensagem aos seres humanos. A missão dessa igreja é urgente; por isso, o anjo voa. A mensagem dessa igreja é importante; por isso, o anjo fala em alta voz.

Para que essa missão se cumpra, Deus vem abrindo as portas nos últimos anos e o evangelho tem sido pregado a milhões de pessoas pelo mundo afora. Neste momento há emissoras de ondas curtas, em lugares estratégicos do mundo, cobrindo praticamente toda a face da Terra, com a mensagem do evangelho em muitos idiomas e dialetos, 24 horas por dia.

Por meio desses veículos de comunicação e tantos outros, o evangelho vai alcançando as pessoas nos lugares mais afastados e distantes. Outro dia, recebi a carta de um homem que dizia o seguinte: “Pastor, talvez nesta vida nunca terei a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente. Mas eu queria agradecer porque um dia ouvi as boas-novas do evangelho em uma mensagem apresentada pelo senhor no rádio. Naquele momento, meu lar estava destruído e eu acabava de cometer duas tentativas de suicídio. Havia chegado a um ponto em que a vida não tinha mais sentido. Sofria uma estranha angústia interior que me levava ao desespero. Não dormia. Passava as horas da noite em vigília. Havia consultado muitos médicos e especialistas em problemas emocionais, mas ninguém me mostrava uma solução.”

Ele continuava: “Certa madrugada, liguei o rádio e o ouvi pregar. Eu nunca havia acreditado no evangelho, nem em Jesus, nem na Bíblia. Eu era um agnóstico. Um homem racional. Considerava a religião coisa de pessoas fracas, que usavam o cristianismo para esconder suas fragilidades. Eu não precisava de muletas para viver. Mas, de repente, não sei o que ocorreu em minha vida. Comecei a perder o gosto pelas coisas. Tudo começou a perder o sentido e fui me afundando, pouco a pouco, em um mar de angústia e desespero. Até aquela madrugada em que o ouvi pelo rádio. Na escuridão e silêncio da noite, o Espírito de Deus falou ao meu coração, mostrando-me minha realidade e me fazendo reconhecer a necessidade do Salvador. Aceitei Jesus e hoje gosto de partilhar as boas-novas que chegaram à minha vida com as pessoas que ainda não conhecem Jesus. Sou um homem feliz.”

A pregação do evangelho vai cumprindo sua função: resgatar da morte as pessoas que perderam o rumo das coisas e da vida. O sinal da volta de Cristo está se cumprindo e o mundo está se preparando para a colheita final.

Muito em breve, no cronograma divino, chegarão o dia e a hora em que o Pai dirá ao Filho: “Vá e traga Meus remidos, aqueles que creram em Mim e estiveram dispostos a Me obedecer, mesmo correndo risco de perder a vida. Vá e traga o que de mais precioso tenho, traga os Meus filhos. Não posso mais vê-los sofrendo por causa do pecado, não posso mais viver sem eles. A mesa está pronta, o banquete está preparado. Só faltam eles; por favor, vá e traga-os.”

Quando esse dia chegar, você estará pronto para ir com Jesus?

A resposta é só sua.

Uma estranha perseguição

“Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do Meu nome” (Mateus 24:9).

Os jardins do palácio brilhavam tetricamente iluminados por 240 tochas humanas. O imperador Diocleciano contemplava satisfeito, da sacada, o quadro de horror e morte. Como fundo musical, ouvia-se o lamento agonizante dos cristãos. Eles eram as tochas vivas. Seu único delito: crer em Jesus e obedecer à Sua palavra.¹

Transcorria o ano 305 da era cristã. Dois anos antes, Diocleciano subira ao poder. Começou ordenando que todo exemplar das Sagradas Escrituras fosse queimado. As igrejas foram demolidas. Os que não renunciavam à religião cristã eram mortos. As casas e o que estava nelas eram incendiados. A história registra que o imperador mandou erguer um monumento com a inscrição: “Em homenagem à extinção da superstição cristã.” Foi uma das mais cruéis perseguições da história.²

Esses fatos aconteceram nos primeiros séculos da era cristã. São fragmentos tristes de uma história que ninguém gosta de recordar. O que passou, passou, e nunca mais voltará a se repetir, não é verdade? Mentira! A perseguição reapareceu na Idade Média. Dessa vez, a própria igreja cristã mandou perseguir os grupos de cristãos que insistiam em estudar e obedecer à

Bíblia como única regra de fé e doutrina. Eram chamados hereges, e enfrentavam o juízo e a morte por sua obediência à Palavra de Deus.

Séculos se passaram desde tudo aquilo. Hoje, parece pouco provável que alguém seja perseguido por causa de suas convicções religiosas. Entretanto, Jesus foi categórico ao afirmar que, pouco antes de Seu retorno à Terra, um grupo de cristãos voltaria a ser perseguido por sua insistência em obedecer à Bíblia e somente à Bíblia.

No capítulo que tratamos das catástrofes naturais, vimos que o Senhor Jesus anunciou que haveria sinais extraordinários no Sol, na Lua e nas estrelas. “Mas, naqueles dias, após a referida tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados” (Marcos 13:24, 25). O Mestre afirmou que tudo isso aconteceria depois da “tribulação daqueles dias” (Mateus 24:29). De que tribulação Jesus falava? Ele mesmo respondeu: “Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do Meu nome” (Mateus 24:9).³

Quer dizer que antes da volta de Cristo haverá uma perseguição? Que tipo de perseguição será? De que se trata? Nenhuma pessoa que ama a verdade pode se conservar à margem desse assunto. É algo que tem a ver com o destino eterno de todos os seres humanos.

Antes de continuar com este tema, é necessário lembrar que ao longo da história sempre existiu um inimigo de Deus cuja especialidade é o engano. Ele tratou de levar a raça humana pelo caminho da mentira. Esse inimigo é identificado na Bíblia com os nomes de Diabo e de Satanás.⁴ O livro de Apocalipse o apresenta simbolizado por um dragão.⁵ O dragão usa a sedução para alcançar seus propósitos. Emprega a mentira e consegue enganar a muitos, até, se possível, “os escolhidos”, de acordo com as palavras do próprio Jesus. Mas, ainda que a sedução e o engano lhe dêem bons dividendos, existe um grupo de pessoas que estuda a Bíblia e não se deixa enganar. Então, o que o inimigo faz? Ele se enche de ira e os persegue. Se não conseguiu seus objetivos por bem, o fará por mal.

O livro de Apocalipse fala dessa perseguição e Jesus a mencionou

como um dos últimos sinais de Seu retorno à Terra. João diz o que viu em visão: “Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelear com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Apocalipse 12:17). Quem é essa mulher perseguida pelo dragão? A quem simboliza? Na Bíblia, a mulher é símbolo da igreja.⁶ Uma mulher pura, vestida de branco, é a igreja de Deus;⁷ uma mulher vestida de vermelho, é a igreja do inimigo de Deus (Apocalipse 17).

A mulher perseguida é um símbolo da igreja de Deus. João a descreve da seguinte maneira: “Viu-se grande sinal no céu, a saber, uma mulher vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça” (Apocalipse 12:1).

Essa igreja foi perseguida pelo dragão ao longo da história. O inimigo a perseguiu com ódio e fúria, porque ela nunca acreditou em suas mentiras. Só deu crédito à Palavra de Deus. O próprio João foi perseguido e estava exilado na ilha de Patmos quando escreveu o livro de Apocalipse: “Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (Apocalipse 1:9).

Note as duas causas pelas quais João estava exilado: a Palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo. Na realidade, as duas causas poderiam se resumir em uma só: o amor a Jesus. Se você ama o Senhor, é lógico que seja fiel à Sua Palavra. E, se respeita Sua Palavra, não há como aceitar os enganos e as mentiras que o dragão inventa. Isso encolerizou o inimigo. Então, o dragão termina perseguindo os que insistem em obedecer aos ensinamentos da Bíblia.

É dramático saber que esse grupo não será tão grande. A maioria optará pelo caminho mais fácil. Mas, ao crescer esse segundo grupo, os que insistem em obedecer aos ensinamentos da Bíblia começarão a ser vistos como radicais, intransigentes e politicamente incorretos. Pode haver, em nossos dias, alguém mais digno de reprovação do que uma pessoa politicamente incorreta? A quem se chama politicamente incorreto? Àqueles que não cedem, que não desprezam seus valores, que não negociam princípios; aqueles que não pensam como a maioria e não aceitam o que todos aceitam.

A “obstinação” desse povo perseguido está relacionada principalmente com um assunto que a imensa maioria considera um detalhe tolo. Em Apocalipse 12:17, o dragão persegue a mulher e também “aos restantes de sua descendência”, que é a igreja dos últimos dias, por um só motivo: sua insistência em obedecer a Deus de acordo com Sua Palavra. Note que a igreja do tempo do fim tem duas características: guarda os mandamentos de Deus e tem o testemunho de Jesus.⁸ Você se lembra? Os mesmos motivos pelos quais João havia sido exilado na ilha de Patmos. Lealdade e obediência a Deus e à Sua Palavra.

Hoje, muitos conceituam os mandamentos de Deus como sem valor para o povo cristão. Entendem que a Lei foi cravada na cruz do Calvário e, portanto, o cristão não deve mais viver preocupado em observar os mandamentos. Entretanto, o remanescente é identificado justamente porque insiste em ser fiel a Jesus e guardar os mandamentos. Pode parecer um detalhe trivial, mas a obediência aos princípios eternos da palavra de Deus não é negociável.

No capítulo 13 do livro de Apocalipse, volta-se a falar do dragão. Aqui o dragão dá seu poder a uma estranha besta. Em profecia, “besta” é símbolo de reino ou poder.⁹ João diz o seguinte em relação a essa besta: “Foi-lhe dado, também, que pelejasse contra os santos e os vencesse. Deu-se-lhe ainda autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação” (Apocalipse 13:7).

Aí está o poder que persegue os santos. É um poder religioso. Recebe a adoração das pessoas. “E adorá-la-ão todos os que habitam sobre a Terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro” (Apocalipse 13:8). É um poder religioso e perseguidor. A quem persegue? Aos santos. Como se identificam os santos? O próprio João dá a resposta: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Apocalipse 14:12).

Voltamos ao ponto de partida. O que está em jogo são os mandamentos de Deus.

De acordo com o que diz Apocalipse, nos últimos dias haverá um poder religioso que terá muita autoridade; será amado e respeitado pelas

multidões, seguido e homenageado pelos reis e príncipes. Esse poder terá mão-de-ferro para perseguir os que não aceitarem sua autoridade e não se submeterem a ele. Quem não aceita sua autoridade? Os que insistem em ser fiéis a Jesus e à Sua Palavra.

E não é tudo. A profecia afirma que, nos dias finais do mundo, também surgirá um poder político para apoiar o poder religioso que recebeu a autoridade do dragão. O apóstolo João o descreve assim: “Vi ainda outra besta emergir da terra. [...] A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita ou sobre a frente, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome” (Apocalipse 13:11, 16, 17).

Você percebe do que se fala aqui? Há pessoas que serão terrivelmente perseguidas. Elas não poderão sequer comprar ou vender, se não tiverem a marca da besta. Qual é essa marca? Para chegar a uma conclusão, primeiro é necessário saber qual é a marca de Deus. Se é certo que o dragão marca seus seguidores, é também certo que Deus faz o mesmo com Seus filhos fiéis e obedientes. A estes Ele chama de santos.

Leia o que diz João: “Depois disto, vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da Terra, conservando seguros os quatro ventos da Terra, para que nenhum vento soprasse sobre a Terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma” (Apocalipse 7:1). Aqui se fala da destruição final do mundo, por ocasião da vinda de Cristo. Há quatro anjos segurando os ventos destruidores. Com que propósito? Continue lendo o texto: “Vi outro anjo que subia do nascente do sol, tendo o selo do Deus vivo, e clamou em grande voz aos quatro anjos, aqueles aos quais fora dado fazer dano à Terra e ao mar, dizendo: Não danifiqueis nem a Terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos na frente os servos do nosso Deus” (Apocalipse 7:2, 3). Percebe? O quinto anjo diz aos quatro anteriores que continuem detendo a destruição final até que os filhos de Deus sejam selados.

Estamos em um dos momentos mais importantes da história do mundo, e muitas pessoas o ignoram. Observe bem. Os que recebem o selo de

Deus são libertados da destruição final, enquanto João diz que, “se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na frente ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus” (Apocalipse 14:9, 10). Há dois comandantes. Ambos têm seus seguidores. Ambos identificam seu povo. O dragão coloca a marca da besta. Jesus põe o selo de Deus.

Qual é o selo de Deus? Se descobrirmos isso, saberemos qual é a marca da besta. Um selo traz o registro do nome, o cargo ou a função da pessoa e a extensão de sua autoridade.

Por trás do selo de Deus está Sua autoridade, Sua Lei e os princípios eternos do governo divino. Por trás da marca da besta você também pode encontrar a pretendida autoridade, os decretos e os princípios enganadores do inimigo. Por trás do selo de Deus está o desejo de se salvar. Por trás da marca da besta está a intenção de destruir. Por trás do selo de Deus estão o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Por trás da marca da besta estão o dragão, a besta e os falsos profetas (ver Apocalipse 16). O selo de Deus é colocado na vida dos que “lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro” (Apocalipse 7:14); a marca da besta é colocada na vida dos que adoram ao poder enganador que reivindica poderes divinos sem tê-los.

Na Bíblia, se encontram vários versículos que explicam qual é o selo de Deus. Um deles é o seguinte: “Santificai os Meus sábados, pois servirão de sinal entre Mim e vós, para que saibais que Eu sou o Senhor, vosso Deus” (Ezequiel 20:20). De acordo com essa declaração, o sábado é sinal de obediência da igreja cristã. O sábado não foi dado só para Israel. Foi instituído na própria criação¹⁰ e observado por Israel antes do Sinai.¹¹ Jesus o guardou.¹² Os apóstolos o guardaram; antes da cruz e depois que Jesus ressuscitou e voltou ao Céu.¹³ O autor da epístola aos Hebreus diz: “Porque, em certo lugar, assim disse, no tocante ao sétimo dia: E descansou Deus, no sétimo dia, de todas as obras que fizera. [...] Portanto, resta um repouso para o povo de Deus” (Hebreus 4:4, 9).

O inimigo conhece a Bíblia. Sabe o que a Palavra de Deus diz. Conhece a verdade. Mas ele é mentiroso desde o princípio, inimigo da verdade. O que faz então? Camufla a verdade, mescla-a com a mentira e a

apresenta usando seu método, a sedução. Resultado: multidões o seguem, crêem no que ele ensina e lhe obedecem. Mas há um grupo de pessoas que tem duas características: ama a Jesus e guarda Seus mandamentos. Esse grupo não se deixa enganar.

Isso vai lhes custar caro. O preço da obediência à Palavra de Deus e da fidelidade a Jesus será muito alto. O dragão desatará toda sua ira contra as pessoas que fazem parte desse grupo e, através do poder religioso e do poder político, iniciará a maior perseguição religiosa de todos os tempos. Está profetizado. Não há como evitá-lo. Essa será outra evidência da proximidade da volta de Cristo. O profeta Daniel disse: “Haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo” (Daniel 12:1).

De acordo com a declaração de Jesus, essa perseguição ocorrerá antes dos grandes fenômenos naturais que se manifestarão no Sol, na Lua e nas estrelas. Lucas o relata desta forma: “Haverá grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares, coisas espantosas e também grandes sinais do céu. Antes, porém, de todas estas coisas, lançarão mão de vós e vos perseguirão [...] levando-os à presença de reis e governadores por causa do Meu nome. [...] E sereis entregues até por vossos pais, irmãos, parentes e amigos; e matarão alguns dentre vós. De todos sereis odiados por causa do Meu nome.”¹⁴ Percebe a extensão e crueldade dessa perseguição? Irmãos se voltarão contra próprios irmãos; pais contra os filhos, e amigos contra amigos.

É verdade que, originalmente, Jesus estava falando da perseguição que os cristãos sofreriam por parte dos romanos no primeiro século da era cristã, mas também nos tempos finais da história do mundo. Lembre-se de que o Mestre estava respondendo à pergunta que os discípulos haviam feito com relação à destruição do templo e também ao fim do mundo.

Essa última perseguição será a maior e mais cruel de todos os tempos. Pessoas inocentes serão maltratadas, humilhadas e presas por não obedecer ao poder religioso dominante, fortalecido pelo poder político. E, por trás de ambos, estará o dragão.

Voltemos ao selo de Deus. A Bíblia afirma que é o sábado. Então, surge a pergunta dramática: se o sábado é o selo de Deus, qual é a marca

da besta? Para entender, voltemos ao capítulo 13 de Apocalipse. Recorde que aqui se fala de um poder religioso e também se menciona um poder político que “seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta, dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta” (Apocalipse 13:14).

Observe que no cenário dos fatos agora entra outra figura simbólica: a imagem da besta. Uma imagem é algo que representa. Quando você pensa nas cores da bandeira de sua pátria, imediatamente vem à sua mente o país de onde você é. Por quê? Porque essas cores representam o seu país; são a imagem do seu país. O mesmo ocorre em relação a qualquer outro país do mundo. A bandeira com as cores pátrias é simplesmente a imagem do país. Por trás da bandeira está o país. Bem, se a autoridade divina está expressa em Seu selo, e o selo de Deus é o sábado, qual é a marca, o selo, o que expressa a autoridade do inimigo de Deus?

Isso é muito sério. Na Bíblia não há um só texto que diga que o sábado deixou de ser o verdadeiro dia de repouso. Em algum momento da história apareceu alguém, alegando que tinha autoridade divina, e mudou a observância do sábado para o domingo. Muitas pessoas sinceras acreditam que guardam o domingo porque Jesus ressuscitou nesse dia. É verdade, a Bíblia ensina que Jesus ressuscitou no domingo, mas em nenhum lugar afirma que, por esse motivo, o sábado deixou de ser santo e o domingo passou a sê-lo.

O domingo tem uma origem completamente pagã. Nos tempos antigos era considerado um dia especial pelos adoradores do Sol. Em inglês, o nome do domingo é *Sunday*, “dia do Sol”.¹⁵

A observância do domingo pela igreja cristã só começou depois que Jesus subiu aos Céus. Os apóstolos já haviam morrido ou estavam morrendo. Começou pouco a pouco. No princípio, para não ser confundidos com os judeus. Naqueles tempos, Roma perseguia os judeus que se haviam rebelado buscando a independência. Então, a ordem que os exércitos romanos receberam foi: “Prendam todos os que guardam o sábado.” Mas os judeus não eram os únicos que guardavam o sábado;

os cristãos também o faziam. Diante dessa situação, para evitar confusões, alguns cristãos começaram a observar o domingo em homenagem à ressurreição de Cristo. Mas na Bíblia não existe nenhuma ordem para esse caminho.¹⁶

O domingo passou a ser aceito oficialmente como dia de repouso pela igreja cristã quando o imperador Constantino se converteu ao cristianismo no IV século. A influência do imperador pagão foi determinante para que a igreja aceitasse o domingo como dia de descanso.

A Igreja Católica aceita, abertamente, ser a autora da mudança do sábado para o domingo. Certa vez uma publicação oficial da igreja declarou: “O domingo não se baseia na Escritura, mas na tradição, e é uma instituição católica.”¹⁷ O Catecismo Católico confirma: “Nós observamos o domingo em vez do sábado porque a Igreja Católica transferiu a solenidade do sábado ao domingo.”¹⁸

A igreja de Roma reivindica a responsabilidade da mudança do sábado para o domingo como algo seu. E isso é o que a história registra. Mas o assunto vai muito além de uma mera decisão casual. A igreja de Roma fez a mudança na forma aparente. Porém, a realidade é mais complexa. Tem a ver com a adoração e obediência ao Criador.

Um dia de culto não indica, necessariamente, que esse dia seja melhor que outro. Não é um mero assunto de dias. O que realmente importa é o que esses dias representam. O sétimo dia pertence a Cristo. É o sinal de Seu poder e de Sua autoridade. Ele mesmo disse: “De sorte que o Filho do homem é Senhor também do sábado” (Marcos 2:28). “Santificai os Meus sábados, pois servirão de sinal entre Mim e vós, para que saibais que Eu sou o Senhor, vosso Deus” (Ezequiel 20:20).

O primeiro dia da semana, como dia de repouso, é uma invenção, um atentado contra a autoridade de Jesus. Guardar o sétimo dia significa lealdade a Cristo, mas guardar o primeiro dia significa deslealdade. Respeitar o sábado é andar nos caminhos que Jesus andou. Observar o domingo é desviar-se do ensinamento bíblico. E o profeta Oséias pergunta: “Quem é sábio, que entenda estas coisas; quem é prudente, que as saiba,

porque os caminhos do Senhor são retos, e os justos andarão neles, mas os transgressores neles cairão” (Oséias 14:9).

Ao contemplar o panorama mundial, podemos ter a impressão de que a perseguição, como sinal da volta de Jesus, nunca irá se cumprir. Quem se atreveria a perseguir uma pessoa por causa de sua fé? Vivemos em um tempo de liberdade. Nunca se respeitaram tanto os direitos humanos, nunca se realizaram tantos movimentos sociais em favor das minorias. Como é possível que alguém seja perseguido somente por guardar o sábado? Do ponto de vista humano pode parecer impossível. Entretanto, a Bíblia afirma que essa perseguição será praticamente o último sinal e ocorrerá bem próximo do dia glorioso de Sua volta. Será algo surpreendente, inesperado, e virá contra todas as previsões humanas. Mas será real.

Você está atemorizado? Não precisa ficar. O Senhor Jesus cuidará de Seus filhos fiéis. Leia esta promessa maravilhosa com relação ao Seu cuidado infinito e à Sua preocupação por você: “Faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor. Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem, mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam” (Isaías 40:29-31).

Sabe o que Deus fará, além de cuidar de você e lhe dar forças? Leia o que Ele mesmo disse: “Porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais. Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados” (Mateus 24:21, 22). Deus promete abreviar o tempo nos dias finais da história para que o sofrimento que se aproxima do povo de Deus seja diminuído.

Todos os sinais da volta de Cristo se cumpriram até aqui. Esse também se cumprirá, por mais incrível e inverossímil que lhe pareça. Quando chegar a perseguição, onde você estará? A qual dos dois grupos pertencerá? Ao dos perseguidores ou ao dos perseguidos?

A resposta é só sua.

Esperança no horizonte

“Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos Céus, nem o Filho, senão o Pai. Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem” (Mateus 24:36-39).

Éramos nove irmãos. Papai trabalhava nas minas e vinha para casa a cada duas semanas. Antes de viajar, nos deixava uma lista com os deveres que deveríamos cumprir para sua chegada. Eram deveres diários, mas nós deixávamos para a última hora. Quando chegava o dia final, distribuíamos as tarefas e em poucas horas tínhamos tudo preparado. Papai se emocionava ao chegar. Pensava que tinha filhos maravilhosos e obedientes. Estava enganado.

Certo dia, houve um acidente nas minas. Os trabalhos foram suspensos, mandaram todos os trabalhadores para casa e ele chegou antes

do previsto. Para sua surpresa, deparou-se com a triste realidade. Os filhos queridos não eram tão maravilhosos como ele pensava.

Esta é apenas uma história; e meu pai apenas um ser humano. Não tinha capacidade de conhecer o coração de seus filhos. Mas Deus é Deus. Com Ele as coisas são diferentes.

Muita gente se pergunta por que Jesus não anunciou o dia exato de Sua volta. Creio que a razão é a natureza do coração humano. Se soubéssemos o dia exato, viveríamos sem levar em conta Seus conselhos. Quando faltassem poucos dias, arrumaríamos a vida e trataríamos de nos preparar para ir com Ele. Isso não faria nenhum bem a nós. Por isso, Jesus incluiu o elemento-surpresa. Ele mesmo disse: “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos Céus, nem o Filho, senão o Pai” (Mateus 24:36).

Falando de como seria Sua vinda, Jesus disse que aconteceria como nos dias de Noé: “Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem” (Mateus 24:37-39).

Não há nenhum problema em se casar ou se dar em casamento. O fato de que as pessoas se casem não pode ser tomado como um sinal da volta de Cristo. O tema central é o surpreendente retorno de Jesus. Todo o mundo estará envolvido em sua rotina diária. Pouca gente levará em conta os sinais dos tempos. Foi assim nos dias de Noé. As pessoas estavam tão ocupadas em seus trabalhos cotidianos que não tinham tempo para Deus. Quando Noé começou a dizer que o mundo terminaria com o dilúvio, ninguém acreditou nele. As pessoas pensavam que ele estivesse louco. Fizeram gozações dele.

A mensagem de Noé anunciava a vinda do dilúvio. Era uma mensagem nada agradável e até ridícula. Quem poderia crer nisso? Até aquele momento não havia caído uma gota de água do céu. A terra produzia frutos porque “uma neblina subia da terra e regava toda a superfície do solo” (Gênesis 2:6).

A mensagem de Noé era impopular. Nada fácil de ser aceita. Também hoje a mensagem da Bíblia é estranha para a mente pós-moderna. Ridícula talvez. Alguns a consideram sem sentido. “Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus” (1 Coríntios 1:18).

Noé pregou durante 120 anos. A princípio, muitos acreditaram em sua mensagem. Talvez alguns até tenham colaborado para a construção da arca. Outros talvez tenham doado dinheiro e materiais para ajudar no cumprimento da missão que Noé havia recebido. Mas o dilúvio não chegava. As previsões do tempo não anunciavam chuva. A ciência afirmava que, de seu ponto de vista, era “impossível” que caísse água do céu.

Os 120 anos se passaram. Ninguém acreditava no dilúvio. Os únicos que estavam preparados e entraram na arca foram Noé, sua esposa, seus três filhos e noras. Ninguém mais. Onde estavam todos os que crearam no início? Haviam se desanimado. O tempo havia se encarregado de apagar a chama da esperança em seu coração.

Certo dia, quando ninguém pensava que algo incomum poderia acontecer, um dia rotineiro como outro qualquer, um dia em que todo mundo se levantou com a idéia de que seria uma jornada mais, aconteceu algo extraordinário. A princípio, dava a impressão de que a vida seguia seu curso normal. As pessoas comiam e bebiam, casavam-se e se davam em casamento. Era um dia tranqüilo, de céu azul e sol resplandecente. Era apenas mais um dia.

Repentinamente, observou-se algo estranho no céu. Uma nuvem. Uma pequena nuvem que aumentava de tamanho. Escura, como a tristeza. Crescia e assustava, e se apoderou da extensão do céu. Pela primeira vez se escutou um estrondo chamado trovão. Setas de luz feriam o céu escuro. Todo mundo se lembrou de Noé e da “loucura” da arca. Todo o mundo corria. Todos pediam auxílio, mas a porta da arca tinha sido fechada pelos anjos e ninguém podia abri-la. A Bíblia afirma: “E não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem” (Mateus 24:39).

Você percebe que a ênfase do texto está na falta de preparação do ser humano para esse acontecimento? Antes do dilúvio as pessoas não estavam preparadas, e quando Cristo voltar também não estarão.

O apóstolo Pedro declara que, nos dias finais, a história da zombaria dos incrédulos irá se repetir: “Nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões e dizendo: Onde está a promessa da Sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação” (2 Pedro 3:3, 4). Você vê? As pessoas escarnecerão. São pessoas para as quais nada de raro sucederá. Pensam que as coisas continuarão como estão. Olharão os que crêem na segunda vinda de Cristo como se fossem seres de outro mundo.

Nos versículos seguintes, Pedro trata de explicar a aparente demora: “Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia. Não retarda o Senhor a Sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, Ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2 Pedro 3:8, 9).

Há dois pensamentos que se destacam nesta declaração de Pedro. O primeiro é a fugacidade da vida humana. Quanto pode viver o ser humano mais longo em nossos dias? Nas montanhas da Rússia descobriram um homem que tinha 126 anos de idade, e no Japão morreu um homem com 113 anos.¹ O que significam 126 anos comparados com a eternidade divina? Portanto, Jesus não Se demora. O ser humano vive um milésimo de segundo comparado com o tempo de Deus.

O segundo pensamento tem a ver com a infinita misericórdia divina. Ele ama as pessoas. Se dependesse de Seu amor, todos se salvariam, mas a salvação é um assunto de decisão pessoal. Ninguém pode interferir. Deus criou o homem e a mulher livres, para que eles escolhessem o melhor à luz da Palavra de Deus.

Entretanto, o fato de que Deus ama o ser humano e tenha muita paciência com ele não significa que não virá. “Virá, entretanto, como ladrão,

o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a Terra e as obras que nela existem serão atingidas” (2 Pedro 3:10). Aqui está de novo o elemento-surpresa. Nenhum ladrão avisa o dia e a hora em que vai roubar. Pedro compara a vinda de Jesus com a inesperada ação do ladrão. O elemento de comparação é a surpresa.

O que Jesus deseja é que Seus filhos estejam permanentemente preparados. Por isso, disse: “Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as conseqüências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço. Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a Terra. Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do Filho do homem” (Lucas 21:34-36).

Há um tempo conversei com uma pessoa que não conhecia a Bíblia. Estávamos no avião e a conversa derivou para assuntos existenciais. Falamos do conceito de cada um com relação à vida. Disse-lhe que eu acreditava na volta de Jesus e no estabelecimento de Seu Reino eterno.

– Eu prefiro viver a realidade presente – disse-me. – O Céu é algo muito abstrato e está num futuro muito distante. Não sei se estarei vivo quando chegar esse dia.

O homem que dialogava comigo é a típica pessoa de nosso tempo. Só pensa no aqui e no agora. Desse ponto de vista, não vale a pena esperar o Céu enquanto as coisas acontecem aqui na Terra.

– A vida é tão curta – concluiu – que não pode ser desperdiçada com expectativas utópicas. É preciso ser realista.

É necessário ser realista? Tomando emprestada a ilustração de outro escritor, permita-me raciocinar com você. Suponhamos que vivamos 100 anos e então cheguemos ao fim de nossos dias. E descobrimos que meu interlocutor tinha razão. O Céu não existe. A vinda de Cristo é uma utopia. Não há vida eterna. Nada. O que foi que perdi se não existe nada?

Valha a redundância, nada, absolutamente nada. Porque nada existe. Mas imaginemos que, ao fim de nossos dias, descobrimos que a Bíblia tinha razão. Que o Céu existe, a vida eterna é uma realidade e Cristo vem para os que se prepararam. Pois bem, meu amigo do avião terá perdido tudo. Simples assim. Mas, também, real e verdadeiro.

Chegará um dia em que acordaremos como sempre o fazemos, para cumprir nossos trabalhos diários. Os empregados estarão nos locais de trabalho cumprindo suas tarefas. Nas escolas os alunos continuarão estudando como sempre. Os lugares de lazer estarão cheios. Gente fazendo o bem e outros, o mal. Correndo como todos os dias atrás de seus sonhos. Nada de anormal. Nada de diferente. Tal como nos dias de Noé.

Subitamente, no meio do céu, aparecerá uma nuvem branca. Aumentará de tamanho à medida que os segundos passam. A Terra estremecerá em seus fundamentos. João descreve a cena da seguinte maneira: “Sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda, como sangue, as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos os montes e ilhas foram movidos do seu lugar. Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondi-nos da face dAquele que Se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande Dia da ira deles; e quem é que pode suste-se?” (Apocalipse 6:12-17).

Enquanto muita gente corre assustada, os que creram em Sua vinda e se prepararam levantarão os braços e dirão: “Eis que este é o nosso Deus, em quem esperávamos, e Ele nos salvará; este é o Senhor, a quem aguardávamos; na Sua salvação exultaremos e nos alegraremos” (Isaías 25:9).

Manhã fria de 1942. Em um campo de concentração, um rapaz olha através da cerca de arame farpado e vê uma jovem linda como a luz do sol. A garota também o vê e seu coração pula como um cabrito perseguido por um enxame de abelhas. Ela quer expressar seus sentimentos

e atira uma maçã vermelha pela cerca. A maçã lhe traz vida, esperança e amor. O rapaz a recolhe e um raio de luz ilumina seu mundo obscuro. O jovem não dorme aquela noite. O rosto angelical e o sorriso tímido da jovem vêm à sua lembrança.

No dia seguinte, tem uma vontade louca de tornar a vê-la. Aproxima-se outra vez da cerca e, para sua surpresa, vê a jovem de novo. Ela aguarda a chegada misteriosa do jovem que tocou seu coração. Ali está ela, com outra maçã vermelha na mão.

Faz muito frio. O vento gelado sopra, produzindo um lamento triste. Apesar disso, dois corações se aquecem pelo amor enquanto as maçãs atravessam a cerca.

O incidente se repete vários dias. Dois jovens, de lados opostos da cerca, buscam um ao outro. Só por um momento. Apenas para trocar olhares ternos. O encontro é chama que arde. O sentimento inexplicável de ambos é o combustível.

Certo dia, ao fim desses momentos doces, o jovem lhe diz com expressão triste:

– Amanhã não me traga a maçã. Não estarei mais aqui; vou ser enviado para outro campo de concentração.

Aquela tarde o rapaz vai triste, com o coração partido. Talvez nunca mais volte a vê-la.

Desde aquele dia, a imagem linda da doce jovem aparece em sua mente em momentos de tristeza. Seus olhos, as poucas palavras, a maçã vermelha. Para ele, tudo é alegria na tristeza. Sua família morre na guerra. Sua vida é quase destruída, mas nos momentos mais difíceis a imagem da jovem de sorriso tímido lhe traz alegria, alento e esperança.

Os anos passam. Um dia, nos Estados Unidos, dois adultos se conhecem por acaso em um restaurante. Conversam da vida. Falam de seus encontros e desencontros.

– Bem, onde você esteve durante a guerra? – pergunta a mulher.

– Estive em um campo de concentração na Alemanha – responde o homem.

– Eu me lembro de que jogava maçãs através da cerca a um jovem que também estava no campo de concentração – recorda a mulher.

Com o coração aos saltos, quase lhe saindo pela boca, o homem balbucia:

– E este jovem lhe disse um dia: “Amanhã não me traga a maçã, porque vão me levar para outro campo de concentração”?

– Sim – ela responde, pressentindo algo maravilhoso. – Mas como você pode saber isso?

Ele a olha nos olhos, como se olha para uma estrela, e lhe diz:

– Eu era esse jovem.

Silêncio. Tantas lembranças, tanta saudade, tanta esperança de voltar a vê-la! As palavras quase não lhe saem, mas continua:

– Separaram-me de você um dia, mas nunca perdi a esperança de voltar a vê-la. Quer se casar comigo?

Abraçam-se bem forte, enquanto ela sussurra em seus ouvidos:

– Sim, claro que sim, mil vezes sim.²

O mundo já é um fruto maduro para ser colhido. Cristo volta para pôr um ponto final à história de pecado. Vem para levar você. Volta para dizer que nunca perdeu a esperança de voltar a vê-lo. Há um lugar no Céu para você e nada será igual sem a sua presença. Você é a coisa mais preciosa que Jesus tem na Terra. Assim como você é. Com suas alegrias e tristezas. Com suas lutas e conflitos. Com seus acertos e seus erros. Você é muito importante para Jesus. Por isso, Ele veio morrer por você na cruz do Calvário e voltará para levá-lo com Ele. Você está pronto?

A resposta é só sua.

Notas

Introdução

¹ *USA Today*, 14 de setembro de 2007.

² *Climate Change 1995: The Science of Climate Change. Contribution of Working Group I to the Second Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change* (Cambridge: Cambridge University Press, 1996).

1. Uma pergunta fundamental

¹ O Tempo de Jerusalém tinha um papel central na religião, na vida e mesmo na economia da nação judaica.

2. Tempos de guerra

¹ José Eduardo Varela, "O Massacre dos Inocentes," *Veja*, 12 de setembro de 2004.

² Sigrun Mogedal, "The Economics of Civil War," documento apresentado em 2001 na Conferência sobre Economia e Política da Guerra Civil, em Oslo, Noruega.

³ *Ibid.*

⁴ FAO, "Plano de Ação da Cúpula Mundial sobre Alimentação. Diálogo Entre as Diversas Partes Interessadas" (10-13 de junho de 2002).

⁵ Mais de 4 milhões de pessoas morreram em conflitos violentos desde 1989, e 37 milhões tiveram que se deslocar para campos de refugiados, dentro ou fora de seus países. As minas terrestres causam mais de 25 mil vítimas todos os anos, e dificultam a reconstrução e o desenvolvimento (Banco Mundial, 2000).

⁶ Os dados sobre o gasto militar e o comércio de armas foram extraídos das seguintes fontes: *Convenção Survey 2001* (Centro Internacional de Convenção de Bonn); *Annual Report 2001* (Instituto Internacional para a Investigação da Paz em Estocolmo); *The Militar Balance 2001/2002* (Instituto Internacional de Estudos Estratégicos); *World Military Expenditure and Arms* (Organismo de Controle de Armamento e Desarmamento dos Estados Unidos).

⁷ *Ibid.*, ref. nº 8.

⁸ Juan Carlos Casté, "Conferência Mundial sobre a Alimentação," celebrada em Roma em 1974, www.catholicismo.com.br/.

⁹ "Violência: O que Fazer?," <http://opiniaopublica.com.br/interna.php>.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ "Indústria do Seqüestro Assola a América Latina," www.forumseguranca.org.br/.

¹² "Situação Atual da Delinqüência no México," www.campusanuncios.com/detanuncio-91009X-situacion-actual-Madrid.html.

3. Mensagem falsificada

¹ "Pastor with 666 Tattoo Claims to be Divine," www.cnn.com/2007/US/02/16/miami.preacher/.

² "Profetas ou Malucos?," www.terra.com.br/istoe/politica/143729.htm.

³ “Russian Orthodoxy and Religious Pluralism: Post-Soviet Challenges”, www.cerc.unimelb.edu.au/publications/CERCWP012003.pdf.

⁴ Para saber o que diz a verdadeira lei, escrita pelo próprio dedo de Deus, leia Êxodo 20:3-17.

4. Um mundo sem Deus

¹ Francisco Umbral, *El Mundo* (Espanha), 6 de outubro de 1996.

² Michel Onfray, *Tratado de Ateología* (Buenos Aires: Editora Argentina, 2005).

³ Richard Dawkins, *The God Delusion* (Boston: A Mariner Book Company, 2006).

⁴ Christopher Hitchens, *God Is Not Great: How Religion Poisons Everything* (Nova York: Twelve / Hachette, 2007).

⁵ Sam Harris, *Letter to a Christian Nation* (Nova York: Vintage / Random House, 2007).

⁶ “Neurociência”, www.nce.ufrj.br/ginape/publicacoes/trabalhos/RenatoMaterial/neurociencia.htm.

⁷ Sam Harris, *Letter to a Christian Nation* (Nova York: Vintage / Random House, 2007).

⁸ Philip Jenkins, *God's Continent: Christianity, Islam, and Europe's Religious Crisis*.

⁹ Adjedj Bakas & Minne Buwualda, “El Futuro Post-secular de Holanda”, http://e-libertadreligiosa.net/index.php?Itemid=30&id=257&option=com_content&task=view.

¹⁰ *Sunday Times*, 31 de dezembro de 1999.

¹¹ “Operación Movilización”, www.mnnonline.org/es/article/9582.

¹² “Ateus na Alemanha”, *Reader's Digest*, outubro de 2006.

¹³ *Der Spiegel*, nº 13, 2006.

¹⁴ Llewellyn George, *A to Z Horoscope Maker and Delineator* (St. Paul: Llewellyn Publications, 1970), p. 18.

¹⁵ Margaret E. Hone, *The Modern Text-book of Astrology* (Londres: L. N. Fowler & Company, 1951), p. 10.

¹⁶ Charles Strohmmer, *What Your Horoscope Doesn't Tell You* (Wheaton: Tyndale, 1989), p. 25.

¹⁷ José Cutileiro, “Maharishi Mahesh Yogui”, aeiou.expresso.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=ex.stories/244986.

¹⁸ <http://expedienteoculto.blogspot.com/2007/06/los-nios-salvajes.html>.

5. A revolta da natureza

¹ Historias del tsunami, www.unicef.org/spanish/emerg/disasterinasia/index_main.html.

² *Veja*, 5 de janeiro de 2005. Outras fontes fizeram uma comparação mais modesta.

³ Furacão Katrina, http://en.wikipedia.org/wiki/Hurricane_Katrina.

⁴ *USA Today*, 8 de outubro de 2005.

⁵ “Natural, Hazards, Severe Storms, Hurricane Stan”, http://earthobservatory.nasa.gov/NaturalHazards/natural_hazards_v2.php3?img_id=13187.

⁶ Centre for Research on the Epidemiology of Disasters, www.cred.be/.

⁷ “Markku Niskala Quotes”, http://thinkexist.com/markku_niskala/.

⁸ “Desastres por Causas Meteorológicas”, www.portalplanetasedna.com.ar/desastres03.htm.

⁹ “Ciência”, *Terra Notícias*, 27 de dezembro de 2007.

¹⁰ “Aquecimento Global”, http://es.wikipedia.org/wiki/Calentamiento_global.

¹¹ Ibid.

¹² “Science of Global Warming,” http://conservapedia.com/Global_warming.

¹³ Orlando Petiz y Eva Gallardo, “Professores Refletem Sobre a Integração no Espaço Europeu do Ensino Superior,” www.cienciapt.info/pt/index.php?option=com_content&task=view&id=40063&Itemid=257.

¹⁴ *Dicionário Webster* (edição de 1869).

¹⁵ Artigo publicado no jornal *Evening Post*, da Filadélfia, Pensilvânia, em 6 de junho de 1780, p. 62.

¹⁶ Peter M. Millman, “A Queda das Estrelas,” *Telescope*, maio-junho de 1940, p. 57.

6. Uma sociedade sem coração

¹ “Verdades e Mentiras de Suzane Von Richthofen,” *Veja*, 12 de abril de 2006.

² *Veja*, 5 de janeiro de 2005.

³ “Como Alguém é Capaz de Fazer Isso?,” *Veja*, 26 de março de 2008.

⁴ Alan Weisman, *The World Without Us* (Nova York: Thomas Dunne Books, 2007).

⁵ “Socos, Pontapés...,” *Veja*, 4 de julho de 2007.

⁶ Patrícia Costa, “Drogas: Combater ou Legalizar?,” www.senac.br/informativo/diga/39/segundamateria-39.pdf.

⁷ Eliot Spitzer, “The Fall of Ethics Man” (11 de março de 2008), www.economist.com/world/na/displaystory.cfm?story_id=10835377.

⁸ Juan Carlos Casté, “Conferencia Mundial Sobre Alimentación,” realizada em Roma em 1974, www.catolicismo.com.br/.

7. Uma geração erotizada

¹ “Special Report. Homosexual Civil Union,” www.traditionalvalues.org/pdf_files/CivilUnions.pdf.

² “Marcha do Orgulho Gay 2007,” www.esquerda.net/index.php?option=com_zoom&Itemid=112&catid=31.

³ Márcia Freitas, “Aceitação de Padres Gays é Inevitável, Diz Reverendo Brasileiro,” www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2004/10/041019_reverendogaymp.shtml.

⁴ Gênesis 19:1-28.

⁵ “Against Nature? An Exhibition on Animal Homosexuality,” www.nhm.uio.no/againstnature/index.html.

⁶ Adam Tanner, “Indústria pornô dos EUA é Desafiada por Sites de Internet,” <http://br.reuters.com/article/internetNews/idBRN1130693820080111>.

⁷ Mário Veloso, *Livre Para Amar* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1987), p. 13-19.

⁸ Entrevista de Charles Choi a David Levy, *Scientific American Brasil*, abril de 2008.

⁹ “Report of Center for Disease Control and Prevention (CDC),” *USA Today*, 25 de março de 2008.

¹⁰ “A Aids avança e chega a quase 40 milhões de infectados com o vírus HIV no mundo,” www.radioagencianp.com.br/index.php?option.

8. Crise econômica

¹ “A fome custa milhões de vidas e bilhões de dólares, segundo o informativo da FAO sobre

a fome,” (“El hambre cuesta millones de vidas y miles de millones de dólares, según el informe de la FAO sobre el hambre”), www.fao.org/newsroom/es/news/2004/51809/index.html.

² “Documento da Reunião Mundial sobre Alimentação” (Documentos de la Cumbre Mundial sobre la Alimentación), www.cinu.org.mx/temas/desarrollo/dessocial/alimentos/dec_plan_aliment1996.htm.

³ A FAO reitera seu pedido de fundos para alimentar 400 milhões de pessoas em 2015, <http://www.consumer.es/web/es/solidaridad/2002/06/14/47824.php>.

⁴ Tony Addison y S. Mansoob Murshed (2001), “From Conflict to Reconstruction: Reviving the Social Contract,” Serie Wider Discussion Paper 2001/48; “The Causes of Conflict in Africa,” DFID (2001); “Development Cooperation and Conflict,” Banco Mundial (2001); “Report of the UN-SG on the Work of the Organization,” ONU (2000).

⁵ “Speculation and Collapse: Enough!”, *L’Humanité*, 27 de março de 2008.

⁶ “Wall Street Crash of 1929”, http://en.wikipedia.org/wiki/Wall_Street_Crash.

9. Sinal do fim

¹ C. Mervyn Maxwell, *Apocalipsis: Sus Revelaciones* (Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1991), p. 90.

² Alejandro Bullón, *O Terceiro Milênio* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1999), p. 57, 58.

³ Roy Gane, *Sin Temor al Juicio* (Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2006). A maioria dos cristãos não se deu conta de que existe esse juízo, e muitos dos que o reconhecem interpretaram mal o seu propósito e a época em que ocorre. Gane mostra neste livro, partindo do livro de Daniel, que o juízo anterior ao advento de Cristo beneficia os filhos de Deus. Daniel 7:22 diz: “E fez justiça aos santos do Altíssimo.”

⁴ Richard M. Davidson, “The Good News of Yom Kippur”, *Journal of the Adventist Theological Society* 2 (1991), p. 4-27. Davidson indica três razões principais pelas quais o juízo do tempo final é uma boa notícia: (1) restaura o evangelho ao seu lugar correto, e leva ao crente a segurança e vindicação no juízo; (2) realiza a purificação do santuário celestial, onde Cristo ministra; (3) vindica o caráter de Deus (p. 23).

⁵ Jacques B. Doukhan, *Secretos de Daniel: Sabiduría y Sueños de un Príncipe Hebreo en el Exilio* (Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2007), p. 112, 113.

⁶ “Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus; e se pôs em pé sobre a areia do mar” (Apocalipse 12:17).

10. Uma estranha perseguição

¹ Marta Sordi, *Los Cristianos y el Imperio Romano* (Madri: Ediciones Encuentro, 1988). O livro inteiro trata sobre o tema da perseguição, e as páginas 119 a 128 tratam sobre a perseguição de Diocleciano, no princípio do século IV.

² Ramsay MacMullen, *Christianity & Paganism in the Fourth to Eighth Centuries* (New Haven: Yale University Press, 1997), p. 1-31.

³ Leia também todo o capítulo 12 de Apocalipse.

⁴ Apocalipse 12:9.

⁵ Apocalipse 12:3, 9.

⁶ Apocalipse 12:1; Efésios 5:25-32; 2 Coríntios 11:2.

⁷ Apocalipse 12:1-5.

⁸ Apocalipse 12:17; 14:12.

⁹ Daniel 7:16, 17.

¹⁰ Gênesis 2:1-3.

¹¹ Êxodo 16:23-30.

¹² Lucas 4:16.

¹³ Atos 18:1-5.

¹⁴ Lucas 21:11, 12, 16.

¹⁵ Imperadores anteriores a Constantino cunharam o Sol Invictus em suas moedas oficiais com a legenda SOLI INVICTO COMITI para, desse modo, invocar o “Sol Glorioso” como companheiro do imperador. As estatuetas de Sol Invictus, carregadas por porta-estandartes, aparecem em três lugares nos relevos do Arco de Constantino. A moeda oficial de Constantino continuou levando a lenda relativa ao Sol Invictus até o ano 323.

Em 7 de março de 321, Constantino decretou que o dies Solis (ou seja, o domingo) seria o dia romano de descanso [Código Justiniano 3.12.2]:

“Imperator Constantinus. Omnes iudices urbanaeque plebes et artium officia cunctarum venerabili die solis quiescant. Ruri tamen positi agrorum culturae libere licenterque inserviant, quoniam frequenter evenit, ut non alio aptius die frumenta sulcis aut vineae scrobibus commendentur; ne occasione momenti pereat commoditas caelesti provisione concessa.”

Sua tradução é:

“No venerável dia do sol os magistrados e o povo das cidades descansarão, as portas de todos os negócios fecharão. No campo, as pessoas ligadas à agricultura poderão voluntária e legitimamente continuar seus trabalhos, pois com freqüência pode acontecer do dia seguinte não ser adequado para semear ou plantar uvas, pois se teme que, por deixar passar o momento propício para tais operações, se perderá o favor do Céu” (http://es.wikipedia.org/wiki/Sol_Invictus).

¹⁶ Confissões católico-romanas e protestantes sobre o domingo, www.biblesabbath.org/tss/.

¹⁷ *Catholic Record*, 17 de setembro de 1892.

¹⁸ *A Doctrinal Catechism*, edição de 1957, p. 50.

11. Esperança no horizonte

¹ “Morre aos 113 Anos de Idade a Pessoa Mais Velha do Japão”, www.ipcdigital.com/ver_noticiaA.asp?descrIdioma=br&codNoticia=12063&codPagina=12522&codSecao=302.

² Em um Dia da Amizade de 1996, em um programa de Oprah Winfrey pela rede nacional, o mesmo homem disse à sua esposa: “Você me alimentou em um campo de concentração, me alimentou de esperança ao longo dos anos. Agora eu continuo com fome, mas apenas fome de seu amor.”

*Se você gostou da mensagem deste livro e
deseja ter acesso a mais informações, visite o site:*

www.esperanca.com.br

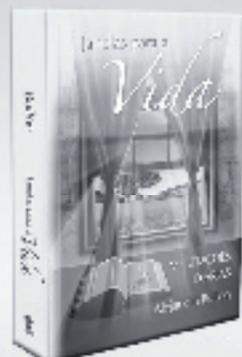
*Saiba que Deus tem uma mensagem especial para
cada área de sua vida e ainda quer lhe mostrar muito mais.
Não perca a oportunidade de aprofundar seu conhecimento
e encarar o futuro com mais esperança. Entre em contato
conosco através do e-mail atendimento@esperanca.com.br
ou escreva para:*

Projeto Futuro com Esperança

Caixa Postal 7, Jacareí, SP

CEP 12300-970

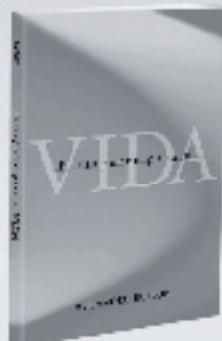
Outros títulos inspiradores de *Alejandro Bullón*



Jornais Para a Vida
Alejandro Bullón

Neste livro você vai encontrar, diariamente, toda a sabedoria dos versos de Salmos e Provérbios aplicada a histórias emocionantes contadas por Alejandro Bullón. Experiências que vão fortalecer sua vida espiritual e deixá-lo, dia a dia, mais próximo de Jesus.

604.1804



Passaporte Para a Vida
Alejandro Bullón

Se você deseja saber por que está aqui e para onde vai, se enfrenta problemas como a culpa, a solidão, o rancor, os complexos e os traumas que não lhe permitem ser feliz, eis as respostas que esperava. Deus tem um plano e um propósito para você. Conheça esse plano. É o seu passaporte para uma nova vida.

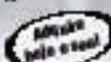
604.7805



Conhecer Jesus é Tudo
Alejandro Bullón

Este livro de Alejandro Bullón é uma resposta aos seus anseios. Foi motivado pelo diálogo e contato por carta do autor com pessoas angustiadas e desanimadas. Nela, o autor mostra como desfrutar paz e alegria através do verdadeiro conhecimento de Cristo.

604.0100



Ligue
0800-9790606*

Assine
www.cpb.com.br

Faça sua pedido no
SELS da sua Associação

Deixe-o e em
seu lugar a CASA

